



UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JOANA DE OLIVEIRA FERREIRA PAIVA

ASCORALINAS: mulheres em movimentos

Goiânia
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

JOANA DE OLIVEIRA FERREIRA PAIVA

3. Título do trabalho

ASCORALINAS: MULHERES EM MOVIMENTOS

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
 - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

10/07/2023, 21:18

SEI/UFMG - 3853939 - Termo de Ciência e de Autorização (TECA)



Documento assinado eletronicamente por **Joana De Oliveira Ferreira Paiva, Discente**, em 28/06/2023, às 15:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Amone Inacia Alves, Professora do Magistério Superior**, em 28/06/2023, às 17:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3853939** e o código CRC **AC69F60C**.

Referência: Processo nº 23070.021677/2023-58

SEI nº 3853939

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JOANA DE OLIVEIRA FERREIRA PAIVA

ASCORALINAS: mulheres em movimentos

Dissertação apresentada para banca de defesa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás na área de concentração em *Educação*, como requisito para obtenção do título de mestre
Linha de Pesquisa: Trabalho, Educação e Movimentos Sociais.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Amone Inacia Alves.

Goiânia
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

PAIVA, JOANA DE OLIVEIRA FERREIRA
ASCORALINAS: mulheres em movimentos [manuscrito] / JOANA DE OLIVEIRA FERREIRA PAIVA. - 2023.
CIII, 103 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. AMONE INACIA ALVES.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2023.

Bibliografia. Anexos.

Inclui siglas, abreviaturas, gráfico, lista de figuras, lista de tabelas.

1. ASSOCIAÇÃO. 2. MOVIMENTO SOCIAL. 3. TRABALHO. 4. MULHERES. 5. ASCORALINAS. I. ALVES, AMONE INACIA, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata Nº 25 da sessão de Defesa de Dissertação de **JOANA DE OLIVEIRA FERREIRA PAIVA** que confere o título de **Mestra em Educação** pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás-PPGE/FE/UFG, na *área de concentração em Educação*.

Aos **trinta dias do mês de maio de dois mil e vinte e três (30/05/2023)**, a partir das **09:00**, em formato híbrido nas dependências da Faculdade de Educação da UFG, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **"ASCORALINAS: MULHERES EM MOVIMENTOS"**. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientadora Prof. Dr. **Agone Inacia Alves (PPGE/FE/UFG)**, doutora em **Educação** pela **UFG**, com a participação dos demais integrantes da Banca Examinadora: Prof. Dr. **Marilza Vanessa Rosa Suanno (FE/UFG)**, doutora em **Educação** pela **UNB** - integrante titular interna e o Prof. Dr. **Rosivaldo Pereira de Almeida (UEG)**, doutor em **Educação** pela **UFG** - integrante titular externo. Durante a arguição os integrantes da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus integrantes. Proclamados os resultados pela Prof. Dr. **Agone Inacia Alves**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Integrantes da Banca Examinadora, aos **trinta dias do mês de maio de dois mil e vinte e três**.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Agone Inacia Alves

Prof. Dr. Marilza Vanessa Rosa Suanno

Prof. Dr. Rosivaldo Pereira de Almeida

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Marilza Vanessa Rosa Suanno, Professora do Magistério Superior**, em 30/05/2023, às 10:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Agone Inacia Alves, Professora do Magistério Superior**, em 30/05/2023, às 12:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosivaldo Pereira de Almeida, Usuário Externo**, em 07/06/2023, às 16:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

07/07/2023 10:07

SEI/UFG - 3776430 - Ata de Defesa de Dissertação



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3776430** e o código CRC **32B40AB5**.

Referência: Processo nº 23070.021677/2023-58

SEI nº 3776430

Dedico a presente dissertação aos meus filhos, Eloísa e Eduardo, por quem dou a vida e busco ser cada dia melhor enquanto ser humano.
Aos meus pais, Maria e Geraldo, pelo cuidado e amor incondicional.
Ao meu esposo, Luiz Márcio, pela paciência e colaboração diária.
À minha avó, Cacília (*in memoriam*), por estar sempre olhando mim.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus, por sempre ser o meu guia e por me permitir viver essa conquista.

Agradeço a toda a minha família, por terem sido pacientes e compreensíveis diante do meu estresse e pelas vezes que deixaram um momento de lazer por minha causa.

Agradeço à **Profa. Dra. Goiandira Ortiz**, pelo apoio na construção do projeto de mestrado inicial, bem como, pelas palavras de encorajamento.

Agradeço à **Profa. Dra. Amone Inacia Alves**, minha orientadora, pela paciência, compreensão e falas tão assertivas nos momentos de angústia.

Agradeço à **Profa. Dra. Marilza Vanessa Rosa Suanno** (UFG – Faculdade de Educação) e ao **Prof. Dr. Rosivaldo Gomes de Almeida** (UEG – Campus Cora Coralina), por aceitarem fazer parte da banca examinadora de qualificação e defesa.

Agradeço ao **Profº José Paulo Pietrafesa**, por tantas contribuições na minha pesquisa.

Agradeço a todos os professores com os quais fiz disciplinas, pelo conhecimento compartilhado.

Agradeço aos colegas de disciplinas, por me acolherem no PPGE-UFG, mesmo que de modo virtual.

Agradeço a minha amiga e irmã de coração, **Profa. Me. Rosania Gomes**, pelo incentivo, pela parceria fraterna.

Agradeço, ao **Profº Dr. Cleiton Oliveira**, meu revisor e companheiro de profissão, por se mostrar sempre pronto a colaborar.

Agradeço, em nome da **Profº Dra. Ebe Siqueira**, a todas as Mulheres Coralinas por serem fontes de inspiração e força.

Agradeço à Comissão de Bolsas CAPES/DS, por me conceder a bolsa de estudo.

Gratidão a todos (as)!

Das Pedras

Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.

Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um companheiro.
Tudo de pedra.

Entre pedras
cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.

Entre pedras que me esmagavam
levantei a pedra rude
dos meus versos.

PAIVA, Joana de Oliveira Ferreira. ASCORALINAS: mulheres em movimentos. fls. 103. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2023.

RESUMO

Esta dissertação, oriunda da linha de pesquisa *Trabalho, Educação e Movimentos Sociais*, analisa a relação entre o movimento social e a organização da associação de mulheres ASCORALINAS, compreendendo de que modo esse coletivo contribuiu para a mudança de vida das mulheres associadas. Esse estudo se dá sob a égide dos pressupostos sobre os movimentos sociais, as relações de trabalho e o trabalho. É sabido que as associações são organizações de pessoas, que se reúnem, com interesses e objetivos comuns (GEHLEN; MOCELIN, 2018). Para compreender melhor as motivações para a reunião desse coletivo de mulheres, retomamos, por meio de consulta documental, o projeto *Mulheres Coralinas*, que foi desenvolvido a partir de uma emenda parlamentar da ex-deputada Marina Santana em parceria com a Prefeitura Municipal da Cidade Goiás (naquela gestão tendo uma mulher prefeita) e a Secretaria de Políticas para as Mulheres. Esse projeto foi executado nos anos de 2014 e 2015, capacitando 150 mulheres da Cidade e região em diferentes áreas do conhecimento e de formação para o trabalho. O projeto *Mulheres Coralinas* possibilitou um trabalho coletivo preliminar, para que em 2016 fosse fundada essa Associação em estudo, sem fins lucrativos. Sendo assim, adotamos como objeto de pesquisa a compreensão da organização feminina em torno da associação de mulheres ASCORALINAS e, a partir desse objeto, analisamos: como a associação Mulheres Coralinas – ASCORALINAS, CNPJ 26.512.804/0001-63, se constituiu, como as pessoas se organizaram como associação a partir dos movimentos, e, principalmente, como essa associação tem contribuído com o trabalho das mulheres e a alteração do modo e estilo de vida, nas condições de trabalho coletivo, no acesso a bens culturais e na fruição partilhada da literatura de Cora Coralina dentre outras autoras. Como caminho metodológico para essa pesquisa, utilizamos da pesquisa bibliográfica e documental, fundamentada nos estudos de Siqueira e Camargo (2016), que traçam todo o percurso das Mulheres Coralinas, desde a idealização do projeto, do seu desenvolvimento, até a fundação da Associação; e Alonso (2009), Barker (2014), Gohn (2015), Scherer-Warrern (1987) e Touraine (2006) por analisarem na perspectiva da História da Sociologia, a teoria dos movimentos sociais e suas mudanças ao longo da história. Como o tema dessa pesquisa é uma associação de trabalhadoras mulheres, perscrutamos Tiriba (2015), Marx (2009), Harvey (2016) e Teles e Caldas (2019) para falar sobre as relações de trabalho e Santos (2011) e Scott (1995) para elucidar sobre gênero. Visto que a origem da associação ASCORALINAS está intimamente relacionada com a história da Cidade de Goiás e da poetisa Cora Coralina, recorreremos também a Passos (2018) e Palacín (1975). A análise dos dados demonstrou que as mulheres associadas, mesmo já conseguido uma significativa emancipação social, ainda enfrentam desafios no campo do trabalho fora do ambiente doméstico. Mesmo ainda produzindo uma mercadoria, elas, até o momento, não conquistaram uma independência financeira a partir desse trabalho.

Palavras-chave: Associação; Movimento Social; Trabalho; Mulheres; ASCORALINAS.

PAIVA, Joana de Oliveira Ferreira. ASCORALINAS: women in movements. Fls. 103. 2023. Dissertation (Master in Education) - Faculty of Education, Federal University of Goiás, Goiás, 2023

ABSTRACT

This dissertation, derived from the research line *Trabalho, Educação e Movimentos Sociais*, analyzes the relationship between the social movement and the organization of the women's association ASCORALINAS, understanding how this collective group contributed to changing the lives of women associated. This study takes place under assumptions about social movements, work relations and work. It is known that associations are organizations of people who come together with common interests and goals (GEHLEN E MOCELIN, 2018). To better understand the motivations for bringing together this collective of women, we resumed, through documentary consultation, the project *Mulheres Coralinas*, which was developed from a parliamentary amendment by former deputy Marina Santana in partnership with the Municipality of Cidade Goiás (in that administration there was a woman mayor) and the Secretariat for Policies for Women. This project was carried out in 2014 and 2015, training 150 women from the city and its surroundings in different areas of knowledge and training for work. The project *Mulheres Coralinas* enabled a preliminary collective work, so that in 2016 this non-profit Association under study was founded. Therefore, we adopted as our goal the understanding of the female organization around the association of women ASCORALINAS and, from this object, we analyze: how the association *Mulheres Coralinas* – ASCORALINAS, CNPJ 26.512.804/0001-63, was constituted, how people organized themselves as an association based on the movements, and, mainly, how this association has contributed to the work of women and the change in the way and style of life, in the conditions of collective work, in the access to cultural goods and in the shared fruition of the literature of Cora Coralina among other authors. As a methodological path for this research, we used bibliographical and documental research, based on studies of Siqueira and Camargo (2016), that trace the entire course of the *Mulheres Coralinas*, from the idealization of the project, from its development, to the founding of the Association; It is Alonso (2009), Barker (2014), Gohn (2015), Scherer-Warrern (1987) and Touraine (2006) for analyzing from the perspective of the History of Sociology, the theory of social movements and their changes throughout history. As the subject of this research is an association of female workers, we scrutinized Tiriba (2015), Marx (2009), Harvey (2016) and Teles and Caldas (2019) to talk about working relationships and Santos (2011) and Scott (1995) to clarify gender. Since the origin of the association ASCORALINAS is closely related to the history of the City of Goiás and the poet Cora Coralina, we also resort to Passos (2018) and Palacín (1975). Data analysis showed that women members, even having achieved significant social emancipation, still face challenges in the field of work outside the domestic environment. Even though they are still producing merchandise, they have not yet gained financial independence from this work.

Keywords: Association; Social Movements; Work; Women; ASCORALINAS.

LISTAS DE TABELAS, FIGURAS E GRÁFICOS

TABELAS

Tabela 01:	Oficinas e atividades do Módulo I - Gastronomia: Doces e Quitandas	29
Tabela 02:	Oficinas e atividades do Módulo II – Artesanato: confecção de bordado e Módulo III Artesanato: confecção de boneca	31
Tabela 03:	Oficinas e atividades do Módulo IV – Artesanato de fibras vegetais e Módulo V Artesanato em cerâmica	34

FIGURAS

Figura 01:	Oficina de Gastronomia	30
Figura 02:	Oficina de gastronomia – o <i>food design</i>	31
Figura 03:	Oficina de artesanato – Confecção de boneca com a monitoria da mestra Andréia Arantes.	32
Figura 04:	Oficina de Artesanato – Confecção de bordados	33
Figura 05:	Oficina – Artesanato em palha	35
Figura 06:	Oficina – Artesanato em cerâmica com a mestra Hilda Freire	36
Figura 07:	Oficina de inclusão digital: <i>marketing</i> e comercialização na	36
Figura 08:	Palestra sobre cooperativismo e associativismo	37
Figura 09:	Abertura da sala Artesania das Mulheres Coralinas no mercado municipal da Cidade de Goiás e Oficina de leitura literária	38
Figura 10:	Oficina de leitura e visitas mediadas com as mulheres Garis	40
Figura 11:	Palestra sobre a Lei Maria da Penha	41
Figura 12:	Nas ruas de Diamantina – MG e no ateliê de Hilda Freire: Missão técnica	43
Figura 13:	Reunião de fundação da Associação ASCORALINAS	44
Figura 14:	Posse da 1ª diretoria e conselheiras da associação ASCORALINAS	45
Figura 15:	Abertura da sala Artesania das Mulheres Coralinas no Mercado Municipal de Goiás em 18/12/2016	47
Figura 16:	Estrutura composicional e objetivos da Associação ASCORALINAS	50
Figura 17:	Mapas de localização da cidade de Goiás no Brasil e no estado de Goiás - GO	52
Figura 18:	Casa da Ponte, década de 1980, Goiás- GO	54
Figura 19:	Nomes que se destacaram na literatura a partir da cultura, tradições e artes de Goiás-GO.	57

Figura 20:	Dois aspectos do perfil socioeconômico das Mulheres Coralinas	63
Figura 21:	Livro que foi a sistematização do projeto Saberes da Mãos	73
Figura 22:	Lançamento do I livro da Coleção Saberes das Mãos – Gastronomia	74
Figura 23:	Confecção do II livro da Coleção Saberes das Mãos – Cerâmica	75
Figura 24:	Grupo de Mulheres da Oficina de encadernação em encontro on-line	76
Figura 25:	Momentos de representatividade das Coralinas no Município de Goiás	78
Figura 26:	Inauguração da loja física no Mercado Municipal da Cidade de Goiás, <i>Artesania Coralinas</i>	79
Figura 27:	Post de algumas das <i>Rodas de Conversas</i> que ocorreram em 2017.	80
Figura 28:	Mulheres Garis participando da <i>Roda de Conversa</i> e da abertura da exposição <i>A Nudez da Beleza</i> .	81
Figura 29:	Post de divulgação da participação do grupo <i>Vozes Coralinas</i> em atividades fora de Vila Boa.	82
Figura 30:	Post-convite para uma conversa virtual	83
Figura 31:	A confecção de máscaras, desde a montagem até o fechamento	83
Figura 32:	A construção da Sede da Associação em período de pandemia	84
Figura 33:	Visitas do procurador chefe do MPT-GO, Thiago Raniere a construção da Sede	85
Figura 34:	Importantes ações que com muitas mãos tem sido possível acontecer	86
Figura 35:	Peças da artesã Luiza Helena Pessoa	88
Figura 36:	Exposição das peças Coralinas em parceria com Marcus Camargo	90
Figura 37:	Diferentes gerações de Coralinas	91
GRÁFICO		
Gráfico 01:	Coletivo de Mulheres em movimento	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEAM	Centro Especializado de Atendimento à Mulher
CPT	Comissão Pastoral da Terra
DS	Demanda Social
FE	Faculdade de Educação
IBRACI	Instituto Brasileiro de Cidadania
MG	Minas Gerais
MPT/GO	Ministério Público do Trabalho de Goiás
OIT/GO	Organização Internacional do Trabalho de Goiás
ONG	Organização não governamental
OVAT	Organização Vilaboense de Artes e Tradições
OVL	O Velho Livreiro
PMC	Projeto Mulheres Coralinas
PPGE	Programa de Pós-graduação em Educação
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SESC	Serviço Social do Comércio
SPM	Secretaria de Políticas para as Mulheres
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO</i>	177
<i>1. ASSOCIAÇÕES, MOVIMENTOS SOCIAIS E MULHERES</i>	2323
1.1 Conceituando Associações e Movimentos Sociais	2323
1.2 Características das associações	3030
1.3 Do projeto Mulheres Coralinas à associação ASCORALINAS	3232
<i>2. OS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS RELAÇÕES DE TRABALHO: A MULHER EM FOCO</i>	5656
2.1 A cidade de Goiás e a poetisa Cora Coralina.....	5656
2.1.1 A visão sobre a mulher nas manifestações culturais da Cidade de Goiás.....	6161
2.2 Movimentos sociais e as relações de trabalho da mulher: uma questão de gênero.....	6262
<i>3. ANÁLISE DOCUMENTAL SOBRE ASCORALINAS</i>	688
3.1 Tipo ou Natureza da Pesquisa.....	6868
3.2 Descrição da Pesquisa.....	7070
3.3 Procedimentos de análise de dados.....	7171
<i>4. DOS RESULTADOS DA PESQUISA</i>	7373
4.1 Análise de dados: Concepção, Princípios e Desafios do trabalho coletivo	7373
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	955
<i>REFERÊNCIAS</i>	999
<i>ANEXOS</i>	1033

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema o estudo de uma Associação de mulheres intitulada ASCORALINAS e a mudança no modo de vida dessas mulheres associadas no que se refere à emancipação feminina, à autonomia financeira e social e ao acesso a bens culturais. A fim de apreender esse aspecto, formulamos as seguintes categorias de análise: *mulheres*, considerando os movimentos sociais e a relação de trabalho; e a categoria trabalho. Neste sentido, buscamos compreender que trabalho é esse desenvolvido pela associação e como ele tem contribuído para a formação, a sobrevivência, a existência, a pertença e para a transformação na perspectiva de vida dessas trabalhadoras.

A associação ASCORALINAS foi marcada por um movimento social de mulheres sem formação escolar e emprego formal, mas que possuíam práticas educativas, ou seja, um conhecimento de mundo adquirido a partir das vivências de cada uma. Essas mulheres revelavam o desejo de se capacitar em diferentes áreas do conhecimento, que envolviam o desenvolvimento para o trabalho. Para isso, receberam o apoio do poder público municipal e federal. Vale ressaltar que ASCORALINAS é resultado do projeto institucional *Mulheres Coralinas*, que foi desempenhado nos anos de 2014 e 2015, capacitando 150 mulheres da Cidade de Goiás e da região em diferentes áreas do conhecimento e de formação para o trabalho. E, a fim de entrelaçar as técnicas para o trabalho e o universo cultural da Cidade de Goiás,

[t]omamos como motivo condutor do projeto a obra da poetisa Cora Coralina. Compreendemos que essa seria a grande oportunidade de rompermos com os preconceitos que impediam a fruição da poesia de Cora Coralina entre os vilaboenses, que estavam fora das cercanias do Centro Histórico de Vila Boa de Goiás. (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 146)

Esse trabalho foi necessário, uma vez que é perceptível, entre os moradores da Cidade de Goiás, em especial os dos bairros mais distantes do centro histórico, certas dificuldades em compreender aspectos históricos e que fazem parte da cultura do povo vilaboense, como por exemplo, a obra de Cora Coralina.

A poetisa Cora Coralina descreve, em seus versos, além da vida difícil que teve, os desafios vividos por uma mulher do século passado e que era considerada a frente de seu tempo por apresentar ideias de uma vida diferente das previstas para o “ser mulher” daquela época. Ademais, Cora traz à tona posturas, atitudes de pessoas das classes médias

e altas da cidade, que depõem contra os direitos humanos. A poetisa salienta essas posturas ao contrastá-las com as dos que são, muitas vezes, invisibilizados pela sociedade, como a lavadeira do Rio Vermelho, a mulher proletária, a mulher da vida, as andarilhas como Maria Grampinho¹. E ainda, todos os cantos e encantos da antiga capital são exaltados por Cora, lugares que não são, geralmente, percebidos, conhecidos e tão pouco valorizados por aqueles que estão às margens da sociedade.

Para entender as relações que se estabeleciam entre Cora, os vilaboenses e a Cidade de Goiás, foram dois anos de diálogo, vivências efetivas e partilhas afetivas com o objetivo de levar cada Mulher Coralina a se sentir pertencente aos bens culturais. E, a partir de 2016, foi fundada, sem fins lucrativos, essa Associação em estudo.

Atualmente, ASCORALINAS tem em média 75 associadas. Essas mulheres, de acordo com o estatuto e o regimento interno da Associação, possuem capacitações com certa regularidade nas áreas da gastronomia e artesanatos (cerâmica, bordado, encadernação), assim como, na formação social, cultural e econômica. Aqui, destacamos o grupo *Vozes Coralinas*, composto por algumas mulheres associadas, que vem desenvolvendo um trabalho de vocalização de poemas em parceria com projetos de extensão da UEG – Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina.

A proposta da presente pesquisa se justifica por, além de percebermos a relevância do projeto Mulheres Coralinas no âmbito social e cultural da Cidade de Goiás, tendo em vista sua repercussão e reconhecimento por instituições e formadores de opinião, como a mídia escrita, esse projeto veio de uma organização social². Vale ressaltar, também, que as Organizações de Movimentos Sociais partem da relação de objetivos afins, assim, “os movimentos seriam estimulados não apenas pelos interesses de seus membros, mas também pelos de agentes governamentais, entidades particulares” (GOHN, 1997: 52 *apud* RIBAS, 2010, p. 22). Neste sentido, o projeto Mulheres Coralinas contou com o apoio tanto do poder público municipal, quanto o federal.

Tudo isso resultou na intervenção positiva na vida das mulheres participantes e na sustentabilidade que logrou alcançar nos seus desdobramentos já como uma entidade

¹ Maria Grampinho, moradora da Cidade de Goiás, que catava grampos e objetos pela rua da cidade e morava no porão de Cora Coralina. Personagem popular que andava com uma trouxa na cabeça, se tornou uma figura folclórica da Cidade de Goiás, passando a fazer parte do imaginário da cidade. Mulher, negra, pobre, marginalizada. Fonte: CENTRO CULTURAL, **Debora di Sá apresenta "Maria Grampinho"**, s/d. Disponível em: <https://centrocultural.ufg.br/n/155152-debora-di-sa-apresenta-maria-grampinho> Acesso 20 maio 2023.

² As organizações sociais são ações posicionamento dos membros de uma sociedade ou totalidade nos estratos sociais, à mobilidade social, ao ator social como cidadão e como identidade sociocultural.

civil, promotora de ações de formação, tanto profissional quanto emancipatória, concorrendo para a apropriação do conhecimento, para a conscientização dos direitos da mulher e para sua autonomia financeira. Dessa forma, a sua importância social, suas características de inovação, sua contribuição para as causas da conscientização sobre questões de gênero, e as diversas áreas epistemológicas colocadas em curso convergentes na formação das mulheres demonstram a sua atualidade e a necessidade de investigá-lo.

A fim de dar maior profundidade a essa justificativa, faz-se necessário uma construção social histórica do objeto em análise visando compreender a relação entre esse objeto e a pesquisadora. Durante os anos 2014 e 2015, participei como monitora pedagógica do projeto *Mulheres Coralinas*. Nessa função, fiquei responsável pelo cadastramento das cursistas, por cuidar das fichas de presenças e, assim, ligar semanalmente para reiterar os dias e horários das oficinas. Além disso, acompanhava todas as atividades propostas arriscando a fazer diferentes ofícios, especialmente na área do artesanato. Desse modo, desenvolvi um pouco de cada trabalho manual e, aos poucos, fui aproximando, conhecendo as especificidades de cada uma e o que levava realmente cada mulher a estar integrada àquele projeto.

Depois de todo o período do projeto, enquanto monitora pedagógica, passei a ser uma *Mulher Coralina* associada. Num primeiro momento, estive na condição de secretária, eleita pelas companheiras, para compor a diretoria. Em um segundo momento, assumi, também por meio de votação, a presidência da Associação. Nesse percurso, foi possível acompanhar e participar de situações vividas pelo coletivo das *Mulheres Coralinas*.

Para a Cidade de Goiás, o presente estudo é importante, considerando a historicidade desse município, que

[e]m termos nacionais, Goiás e regiões adjacentes foram excluídos do ambiente cultural nacional. Mas, ao longo daqueles três séculos de relativo isolamento, todo esse vasto território esteve integrado em si mesmo, cultural e economicamente, configurando o vasto espaço do sertão. ((SADDI, In: *Patrimônios do Brasil*, 2022, p. 119)

Assim sendo, apresentar a sociedade vilaboense um aspecto de valorização da culinária e do artesanato local, bem como um trabalho de construção e reconstrução de saberes, é contribuir com a identidade cultural de um povo. Afinal,

[a] Cidade de Goiás tem sua história num ciclo de euforia seguido de certa estagnação. Iniciada formalmente em 1722, a euforia do ouro não durou muito tempo, não mais que meio século. O ouro tampouco teve a quantidade daquele extraído de outras minas no sertão do centro-sul brasileiro, como em Minas Gerais. Por conta disso, a qualidade urbanística e arquitetônica da cidade de Goiás é mais simples e singela que outras vilas surgidas na mesma época e nas mesmas circunstâncias, como Ouro Preto. (SADDI, In: *Patrimônios do Brasil*, 2022, p. 120)

Além disso, elevar os saberes das mãos, que se reverbera na fonte de renda da população local e está intrinsicamente ligada ao turismo. Portanto, a pesquisa realizada vem mostrar um projeto que tem, em seus desdobramentos, o reconhecimento de bens culturais materiais e imateriais que entrelaçam a história da cidade com a das mulheres que compõem a Associação ASCORALINAS.

Como caminho metodológico, utilizamos a bibliográfica e documental, tanto no formato físico, quanto digitais. Neste último caso, citamos os vídeos/documentários já realizados pela Associação e que se encontram em rede sociais públicas. Dessa forma, no desenvolvimento da pesquisa, tivemos a oportunidade de conhecer e avaliar diferentes documentos que constituíram e ainda regem ASCORALINAS, como o Estatuto, o Regimento Interno e as Atas das assembleias. Todos os dados recolhidos foram objetos de análise quantitativa e qualitativa para elaboração deste texto.

Durante a investigação e a análise das informações, para constituirmos os resultados da pesquisa, dialogamos com vários autores, entre os quais optamos por ter como referencial teórico: Siqueira e Camargo (2016) que traçam todo o percurso das Mulheres Coralinas, desde a idealização do projeto, do seu desenvolvimento e até a fundação da Associação; Alonso (2009), Barker (2014) que fundamentam os estudos da História e da Sociologia; Gohn (2015), Scherer-Warren (1987) e Touraine (2006) que permitem analisar a teoria dos movimentos sociais e os desdobramentos desses ao longo da história. Recorremos também à Tiriba (2015), Marx (2009), Harvey (2016) e Teles e Caldas (2019) para falar sobre as relações de trabalho. Como o objeto de pesquisa é uma associação de mulheres, analisamos Santos (2011), Scott (1995) e Hollanda (2019) a fim de explicar sobre gênero, e, considerando o lugar de assento da associação ASCORALINAS, retomamos um pouco da história da Cidade de Goiás e da poetisa Cora Coralina - que foi fonte inspiradora para o projeto e para a própria associação (PASSOS, 2018; PALACÍN, 1975).

Diante do exposto, ficamos instigados a entender melhor o funcionamento dessa organização e, para tal, elaboramos as seguintes perguntas que norteiam esse estudo:

como essa associação se constituiu? Como as pessoas se organizaram como associação a partir do movimento? E, principalmente, como essa associação tem contribuído com o trabalho dessas mulheres e de qual maneira tem alterado o modo de vida delas em diferentes esferas sociais e culturais?

Além disso, para melhor compreender nosso objeto de estudo, nos propomos o seguinte objetivo geral: analisar a relação entre o movimento social e a organização da associação de mulheres ASCORALINAS, compreendendo de que modo as ações desenvolvidas por esse coletivo contribui para a mudança de vida dessas mulheres associadas. Esse objeto é alicerçado por alguns pontos específicos:

- Localizar a Associação Mulheres Coralinas como um movimento associativista e sobre as ações que são direcionadas para práticas sociais, observando o seu papel na formação humana, na formação para o trabalho e na emancipação das Mulheres Coralinas;
- Entender como o processo interdisciplinar, que abrange formação para o trabalho em gastronomia e artesanato, saberes populares, direitos das mulheres, literatura e educação patrimonial, contribuiu para o êxito e a sustentabilidade das ações da associação ASCORALINAS.

Para alcançar os objetivos propostos e responder as perguntas de pesquisa, estruturamos essa dissertação em 4 capítulos.

O primeiro capítulo, “Associações, movimentos sociais e mulheres”, contém a fundamentação teórica desta pesquisa, no caso, Associações e Movimentos Sociais, bem como a elucidação sobre as características de outras associações e o percurso do projeto Mulheres Coralinas à associação ASCORALINAS.

No segundo capítulo, “Os movimentos sociais e as relações de trabalho: a mulher em foco”, descrevemos o processo de formação da Cidade de Goiás, assim como de que modo ele está entrelaçado à história da poetisa goiana Cora Coralina, referência para a Associação em estudo. Nessa perspectiva, explanamos ainda sobre a visão que a sociedade vilaboense tem sobre as mulheres nas manifestações culturais cultivadas na cidade. Seguindo esse caminho, discorreremos sobre os movimentos sociais e as relações de trabalho da mulher, como sendo uma questão de gênero.

No terceiro capítulo, “Metodologia de pesquisa”, descrevemos a metodologia de pesquisa adotada para a realização deste estudo. Primeiramente, informamos a respeito

do tipo e natureza da pesquisa, para então, descrevermos a pesquisa e os procedimentos de análise.

O quarto capítulo, “Dos resultados da pesquisa”, tem como propósito a descrição da concepção, dos princípios e os desafios do trabalho coletivo desempenhado pelas Coralinas. Trilhamos o percurso desde o movimento social até a associação. Nesse processo, considerando as pesquisas, sabemos que foram muitos os desafios para realizar um trabalho no coletivo, por isso, dedicamos uma seção para a discussão sobre as contradições encontradas, visto que as mulheres associadas tinham em mente que a organização em grupo era um caminho para a emancipação do próprio grupo.

Nas considerações finais, retomamos os objetivos e as questões propostas para essa pesquisa, apresentando os resultados alcançados. Por fim, as referências que deram suporte à pesquisa.

1. ASSOCIAÇÕES, MOVIMENTOS SOCIAIS E MULHERES

Neste capítulo, apresentamos as bases teóricas desta pesquisa: as Associações e os Movimentos Sociais a partir dos postulados de Gohn (2015), Scherer-Warren (1987) e Touraine (2006) e nos aportamos em Tiriba (2015), Marx (2009), Harvey (2016) e Teles e Caldas (2019) para falar sobre as relações de trabalho. Como o objeto desse estudo é uma associação de mulheres, para discorrer sobre gênero, recorreremos a Santos (2011), Scott (1995) e Hollanda (2019).

ASCORALINAS é uma associação que resultou de um movimento social que foi o projeto Mulheres Coralinas e teve, desde o início, como mote inspirador, a vida e obras da escritora e poetisa vilaboense Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, cujo pseudônimo é Cora Coralina. Desse modo, voltamos a estudos e pesquisas de Siqueira e Camargo (2016), bem como as obras da própria poetisa Cora Coralina (2013, 2014), objetivando compreender melhor o porquê de essa autora ter sido escolhida como força motriz para esse movimento social. Sobre isso, destacar-se-á o fato de Cora Coralina ter sido, conforme diz Brandão (2009, p.5), no prefácio de Britto e Seda (2009), “As raízes fincadas no chão a Cidade de Goiás”. Ela nasceu na cidade de Goiás, no Estado de Goiás, no dia 20 de agosto de 1889. Filha de Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, desembargador, nomeado por Dom Pedro II, e de Jacinta Luísa do Couto Brandão, cursou apenas até a terceira série do curso primário. Cora foi uma poetisa e contista brasileira. Publicou seu primeiro livro quando tinha 75 anos e tornou-se uma das vozes femininas mais relevantes da literatura nacional.

Além disso, foi necessário aludirmos às fontes histórias que informam sobre a formação territorial da Cidade de Goiás, como Passos (2018) e Palacín (1975), pois ambos Projeto e Associação remontam a aspectos desse território.

1.1 Conceituando Associações e Movimentos Sociais

As associações são conceituadas como organizações ou reunião de pessoas que se agregam formal ou informalmente com a finalidade de se fortalecerem na coletividade e, assim, adquirir, como destaca Gehlen e Mocelin (2018), um meio mais amplo e melhores oportunidades para acesso a uma fonte de renda. Outro conceito para associação é a adesão a interesses e objetivos comuns. Utilizaremos a acepção dada por Gehlen e Mocelin, caracterizando a ASCORALINAS como uma associação, advinda de um

movimento social segundo Gohn, porque foi por meio desse movimento que se constituiu a associação.

No entanto, para Lüchmann (2014), não é tão simples conceituar com exatidão uma associação, considerando a variedade de características que elas podem apresentar. Uma vez compreendida que uma associação se forma por interesses afins de seus associados, convém mencionar que um coletivo associado pode ser composto de diferentes grupos sociais e com finalidades distintas, como exemplos, temos as associações de moradores, que abrangem pessoas de diferentes faixas etárias, gênero e classe social, e as associações de trabalhadores rurais, que contemplam uma camada única da sociedade: os trabalhadores do campo. Inspirado ainda nos autores, Tocqueville (1987) citado por Scherer-Warren (2001, p. 169), Lüchmann (2014), diz que um dos atributos das associações é “a existência de uma relativa igualdade social dos indivíduos. [Além de] um grau de voluntarismo na constituição de relações consensuadas, que alteram a sensibilidade ética dos seus membros”.

Ao falar de **voluntarismo** é importante o diferenciar de **trabalho voluntário**. Enquanto o primeiro dedica-se às necessidades do outro e tem como foco o bem coletivo, o segundo é motivado pela busca da satisfação pessoal de quem o pratica (JOHANNPETER, 2011).

Nesta dissertação, o objeto de pesquisa é a Associação ASCORALINAS³. De acordo com seu regimento interno, bem como as atas das assembleias dessa associação, o que une cada um dos membros desse coletivo é o consenso na tomada de decisões e é essa concordância que altera a perspectiva em relação ao trabalho coletivo. Ou seja, as deliberações são realizadas partindo do individual para a coletividade. Esse movimento representa o associativismo.

Conforme as concepções de Lüchmann (2014, p. 165)

[o] associativismo é um elemento importante na medida em que desloca as atribuições dos problemas e condições do plano pessoal para o coletivo – ou sistêmico -, requisito essencial para o desencadeamento de um movimento social. Assim, em associação, as pessoas desenvolvem sentidos e percepções da vida social que transcendem a dimensão individual e pessoal.

³ Esse estudo se justifica pelo fato de percebermos a relevância do projeto Mulheres Coralinas no âmbito social e cultural da Cidade de Goiás, e ainda ter surgido de uma organização social e ter ganhado sustentabilidade por meio do trabalho artesanal desempenhado pelas mulheres associadas.

Assim, mesmo o associativismo sustentando-se sobre a égide da coletividade, é possível identificar, basicamente, três tipos de associações de acordo com suas especificidades e combinações de Lüchmann (2014), são elas:

- as que se encontram mais isoladas ou com pouco vínculo;
- as que constroem redes de articulação de base intermediária (organizações de base territorial e regional);
- as que formam amplas redes articulatórias (redes de movimentos sociais).

ASCORALINAS revela aspectos de uma associação que configura redes articulatórias, visto que ela apresenta diferentes repertórios de ação e, à medida que expande esses repertórios, vincula-se a distintas instituições de fomento à cultura, à economia e ao trabalho, como, por exemplo, a Organização Internacional do Trabalho – OIT, o Ministério Público do Trabalho de Goiás – MPT-GO e os Projetos de incentivo à cultura (Lei Aldir Blanc, 14.017/2020⁴).

Por isso, participar de uma associação oportuniza diferentes benefícios

[n]o plano individual, os benefícios são diversos e dizem respeito: ao sentimento de eficácia política; à provisão de informação; ao desenvolvimento de habilidades políticas (capacidade de fala, de alto apresentação, de negociação e barganha, de formação de coalisões e de criação de novas soluções, de reconhecimento, de manipulação, pressão ou ameaça; de virtude cívica; de habilidades críticas, na formação de capacidades cognitivas para a formação de julgamentos críticos e autônomos. Na esfera pública, destacam-se os benefícios operacionalizados pela comunicação pública e/ou deliberação, promovendo maior vínculo social e maior sensibilidade a problemas como pobreza, abusos variados e discriminações. (WARREN, 2001, p. 70/76 *apud* LÜCHMANN, 2014, p. 172)

No caso da ASCORALINAS, do ponto de vista individual, observamos avanços na habilidade de fala sobre o trabalho de cada integrante da associação, da negociação dos produtos que são expostos à venda, seja na sala física localizada no Mercado Municipal da Cidade de Goiás⁵, seja em feiras ou outros eventos públicos. Desse modo,

⁴ BRASIL. Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020. Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 jun. 2020b, p. 1. Disponível em: <https://bit.ly/2XWE9y2>. Acesso em: 19 jan. 2021

⁵ A edificação atual do Mercado Municipal da Cidade de Goiás foi inaugurada em 1926. Mas desde 1869 foi realizada a abertura de uma rua (Estrada do Mercado) e autorizada a compra de diversos terrenos particulares. Como ponto de comércio, teve grande relevância na constituição da história da Cidade de Goiás, e ainda hoje reúne moradores e turistas atrás de artesanatos, frutos e da culinária regional. Esse espaço passou por restauro de 2014 a 2016. Fonte: MERCADO Municipal de Goiás, **Mercado Municipal**

partindo dessa habilidade da fala, notamos o sentimento de pertença das mulheres, as atitudes de empatia, a emancipação feminina, bem como, a mudança de postura frente a vida no que se refere a emancipação social e cultural.

Contudo, a adesão à nova realidade, não foi de todas as mulheres. O estranhamento tem sido superado num processo em que o trabalho coletivo mediado, especialmente pela convivência prática, contribui para o fim da “atomização”⁶ de algumas Mulheres Coralinas. Tal situação pode ser vislumbrada, pelo que diz Gehlen (2018, p. 43), ao ressaltar que construir alternativas de participação, tanto no trabalho quanto na vida pública, é um desafio para o cidadão. Isso, principalmente para que surja um cidadão que se oriente pelo convívio com aqueles que são diferentes culturalmente.

Mesmo percebendo esse desafio entre algumas Coralinas, no campo coletivo, essa associação tem demonstrado elos sociais que proporcionam visibilidade do trabalho realizado pelas integrantes, revelam autonomia, isto é, apresentam interesse em tornar públicas demandas que, inicialmente, eram singulares. Nesse processo, é possível notar o favorecimento à cidadania por meio da Participação Cidadã⁷ de membras Coralinas em conselhos municipais, como: Conselho Municipal de Cultura e Turismo, Conselho de Direitos Humanos, dentre outros que abrangem diferentes áreas, como: Educação, Meio Ambiente, Turismo, Direitos Humanos e Sociologia, no que compreende o trabalho da mulher. Isso mostra, em contrapartida ao que foi anteriormente,

[o] papel das associações para o desenvolvimento da democracia das sociedades. Partindo-se do pressuposto geral de que um sistema político é mais democrático quando as suas instituições oferecem oportunidades mais igualitárias para os cidadãos tomarem parte das decisões políticas e dos julgamentos coletivos. (WARREN, 2001, *apud* LÜCHMANN, 2014, p. 160)

O processo democrático consiste na perscrutação por uma sociedade mais igualitária e livre dos resquícios de um processo histórico que ainda massacraram alguns grupos humanos.

Com essa participação, as mulheres são incentivadas a se apropriarem de um espaço, a mostrar sua fala, e assumem a responsabilidade de representar um coletivo na

de Goiás, s/d. Disponível em: <https://biapo.institutobiapo.com.br/portfolio-item/mercado-municipal-de-goias/> Acessado em 05 jun 2022.

⁶ Termo expressão utilizada por Hannah Arendt, (1989) In. *Origens do Totalitarismo*.

⁷ Que a partir dos pressupostos de Gohn (2015) diz respeito à participação de pessoas em comitês, fóruns... integrando a tomada de decisões e fazendo valer a democracia.

tomada de decisões acerca de assuntos que envolvem o bem-comum de toda a sociedade vilaboense.

Neste sentido, destacamos o chamado **novo associativismo** que, conforme Gohn (2015, p. 18), “é mais propositivo, operativo e menos reivindicativo – produz menos mobilizações ou grandes manifestações, é mais estratégico. O conceito básico que dá fundamento às ações desse novo associativismo é o de Participação Cidadã.”

Como já mencionado, a associação ASCORALINAS tem apresentado uma Participação Cidadã na formação de comissões e na tomada de decisões municipais com o objetivo de fortalecer a sociedade civil⁸, de colocar em pauta o reconhecimento pela diversidade cultural e a luta por mais justiça social e pela igualdade de oportunidades entre homens e mulheres.

Essa nova concepção de associativismo descrita por Gohn (2015) abre espaço para a discussão entorno dos movimentos sociais e das percepções distintas sobre aspectos que os caracterizam.

Para compreender melhor o conceito de movimento social, é relevante esclarecer, primeiramente, o significado do termo “social”, que, segundo Scherer-Warren (1987, p. 8), trata-se de um “conjunto de relações sociais comandadas por uma dialética de opressão e libertação”. A autora acrescenta ainda que “na sociedade, tanto no plano individual quanto no plano grupal, as relações sociais são mediadas por relações de poder.” Desse modo, um movimento social está ligado a diferentes nuances no que diz respeito à opressão e à libertação, a privilégios e desprivilégios, ou seja, numa sociedade em que a opressão pode ser econômica, política, cultural, ideológica e psicológica, o agir ativo determina os rumos de uma situação, portanto, é uma exigência da busca pela liberdade. Por esse viés, vale ressaltar que existem diferentes movimentos sociais.

Os primeiros movimentos sociais que aconteceram até o século XVII foram promovidos pela igreja. Na verdade, esses movimentos eram conhecidos como movimentos paroquiais e visavam a defesa dos “direitos e recursos de prejudicados com a paulatina centralização política” (ALONSO, 2009, p. 57). Suas reivindicações geralmente abrangiam temas como alimentação e impostos, e as ações ocorriam quase sempre em espaços como igrejas e mercados, de forma direta e com uso de violência.

⁸ A sociedade civil é constituída por diversos componentes, como as instituições cívicas, sociais e organizações que formam os alicerces de uma sociedade em funcionamento. A presença de uma sociedade civil forte é essencial para garantir a democracia, a paz, a segurança e o desenvolvimento. Fonte: SOCIEDADE Civil, OEA: mais direitos para mais pessoas, s/d. Disponível em: https://www.oas.org/pt/topicos/sociedade_civil.asp Acesso em 20 mai 2023.

Somente a partir de 1830 que houve a inserção de “movimentos nacionais e autônomos”, assim, nascem as associações e os sindicatos. As demandas dessas instituições eram outras, sendo esses grupos menos violentos, no entanto “mais ofensivos”. Nelas, os agentes, chamados de “demandantes”, adquiriram “novas solidariedades”, ou seja, a capacidade de identidade coletiva⁹ e de se reconhecer e ser reconhecido como parte de um mesmo grupo social.

Ainda nesse cenário de mudanças nos paradigmas dos movimentos sociais, Gohn (2015, p. 7) reforça que

o tempo passou, surgiram novos campos temáticos de luta que geraram novas identidades aos próprios movimentos sociais, tais como na área do meio ambiente, direitos humanos, gênero, questões étnico-raciais religiosas, movimentos culturais etc. Alguns movimentos transformaram-se em redes de atores sociais organizados, ou fundiram-se com ONGs, ou rearticularam-se com as novas formas de associativismo que surgiram nos anos de 1990.

Vários movimentos sociais reverberaram em associações, como no caso de trabalhadores que lutavam pela posse da terra. No contexto da ASCORALINAS, o movimento social inicial foi marcado pelo coletivo de mulheres. Sendo a maioria sem formação escolar, elas não tinham acesso ao emprego formal e algumas tinham histórico de violência doméstica. No entanto, essas mulheres possuíam práticas educativas que seriam:

[o] conjunto de experiências que são compartilhadas pelos grupos, de modo a apreender os significados da prática social. O objetivo dessas práticas é a transmissão de saberes sociais. Possuem um caráter educativo, pois os próprios participantes assumem a tarefa de orientar, dirigir as lutas no cotidiano, assumindo postos de direção desses movimentos, claro que em muitas vezes, sem qualquer treinamento para

⁹ A teoria mais influente e sistemática da identidade coletiva foi criada por Alberto Melucci. Ele chamou a atenção para a identidade coletiva que é um processo que envolve três partes. A primeira parte são as definições cognitivas, que se preocupam com a criação de definições compartilhadas sobre objetivos, meios e o campo de oportunidades ou restrições em que a ação acontece. É por meio dessas definições compartilhadas que uma pessoa é capaz de conectar suas crenças às do grupo maior, aumentando assim o apego ao grupo. A segunda parte é uma rede de relações ativas entre os participantes do grupo, o que significa que todos estão ativamente envolvidos uns com os outros por meio de experiências compartilhadas. Em terceiro lugar, os participantes devem ter um envolvimento emocional para fomentar o sentimento de unidade comum entre o grupo e motivar a ação coletiva. A identidade coletiva pode ser usada para explicar como os movimentos sociais acontecem e se sustentam ao longo do tempo. Fonte: O que é identidade coletiva, definição teórica e exemplos, **Estudyando**, s/d. Disponível em: <https://pt.estudyando.com/o-que-e-identidade-coletiva-definicao-teoria-e-exemplos/#:~:text=Identidade%20coletiva%20referese%20ao%20sentimento%20de%20uma%20pessoa%20uma%20identidade%20que%20vai%20al%C3%A9m%20da%20pessoa>. Acessado em 02 nov 2022.

isso. Acabam se tornando práticas formativas, pois além de transmitir um aprendizado prático do uso do dia-a-dia, engendram também um saber informal adquirido no trabalho e na vida. O trabalhador ao ter acesso a esse aprendizado modifica-se e transforma a sua visão de mundo. (ALVES, 2010, p. 34)

Cada uma dessas mulheres com sua subjetividade, revelava, a partir do discurso, receio do novo, mas enfrentaram e se capacitaram em diferentes áreas do conhecimento, receberam o apoio do poder público municipal e federal para isso. Desse processo de formação para o trabalho, de autoconhecimento e de fortalecimento das relações sociais, as Mulheres Coralinas passaram a compor uma associação. Assim, as Mulheres Coralinas saíram de uma ação governamental para um movimento associativista num processo de mudança social, cultural e econômica.

Na sociologia acadêmica de Scherer-Warren (1987), os tipos de movimentos sociais dão lugar a uma análise mais dinâmica dos movimentos para a transformação social, o que, então, pode ser definido em *ação-transformação*.

Para Mocelin (2018, p. 66)

[n]os termos mais gerais, deve-se perceber que os agentes participantes dos movimentos sociais dão voz a projetos de identidade e são mobilizadores de símbolos e significados. No sentido mais amplo, movimentos sociais devem ser entendidos como ações coletivas orientadas para a promoção de mudanças, no todo ou em parte, em instituições, condições ou relações sociais. Tais ações coletivas, em geral, produzem um “projeto” ou uma representação de uma nova ordem social, para os participantes dos movimentos sociais. E a representação de uma nova ordem social orienta os participantes do movimento social, promovendo sua mobilização e ampliando a ação coletiva do movimento social.

Logo, observamos que foi justamente por meio de repertórios de ação coletiva que as Mulheres Coralinas, entendidas ainda como projeto, ou melhor, como um movimento social, verticalizaram o olhar para possíveis mudanças de vida. Assim, criando uma nova ordem social

E, por essa pesquisa envolver ações de mulheres, faz-se necessário compreender, do ponto de vista histórico, como a mulher tem conseguido sair de espaços e situações de assujeitamento e conquistar emancipação econômica. Sendo assim, a emancipação econômica, neste caso, de mulheres, pode ser compreendida como um movimento em prol da igualdade de direitos entre homens e mulheres, ou seja, a emancipação feminina é uma ferramenta de combate à desigualdade de gênero.

É sabido que por muito tempo o espaço da mulher na sociedade foi preterido e desvalorizado, como reitera Müller e Besing (2018). Desse modo, mesmo com conquistas alcançadas, a vida da mulher ainda é marcada por discriminações, sendo atribuída a ela uma posição de inferioridade quando relacionado ao homem, o que acaba sendo um empecilho para que os direitos já concedidos fossem, de fato, acessados. Historicamente, a vida familiar, pessoal e social da mulher tem sido marcada por movimentos feministas e movimentos sociais objetivando a igualdade entre homens e mulheres.

Ainda de acordo com Müller e Besing (2018, p. 28):

A submissão da mulher está fortemente presente desde as sociedades mais antigas. A história demonstra que os homens (pai, marido, religioso, professor) buscavam valer sua posição de dominação, impondo às mulheres questões que mantinham a ordem do patriarcalismo.

Quando se fala em submissão da mulher, é importante entender que, nesta conjuntura, a opressão impede a igualdade entre as pessoas e o agente dessa violência é o ser homem, movido por ideais de uma sociedade.

E nesta vertente, os novos movimentos sociais podem cumprir uma função exitosa já que desenvolvem segundo Cruz (2004, p. 183)

[p]ráticas que visam a objetivos precisos, concretos e importantes para a vida social. Isto porque exaltam a solidariedade, que é o princípio tácito da maioria de suas lutas, além de se esforçarem para exercê-la tanto por sua ação (encarregando-se de todos os ‘sem-’) como pela forma de organização que possuem.

O projeto Mulheres Coralinas é visto como um movimento social, com atributos referentes aos citados e que repercutiu num movimento que empodera e reflete as lutas de classe feminina, de gênero também, mas, sobremaneira, sobre a forma como essas mulheres que, enquanto coletivo, lutam em prol de objetivos comuns que envolvem, inclusive, a independência financeira. Portanto, a próxima seção abrangerá um pouco mais sobre as associações.

1.2 Características das associações

Em uma abordagem sociológica, segundo Scherer-Warren (1987), o conjunto de relações sociais comandadas por um diálogo de sujeição e de emancipação é um dos

engenhos que dá origem a movimentos sociais. Esses, por sua vez, podem dar origem a outros movimentos sociais e resultar em uma associação. Neste trabalho, nos dedicamos a analisar a relação entre o movimento social e a organização da associação de mulheres, compreendendo a Associação de Mulheres ASCORALINAS, o projeto que a antecedeu e a mudança social, cultural e econômica na vida das mulheres que a compõem.

De acordo com o Código Civil (Lei nº 10.406/02)¹⁰, uma associação é definida como a união de pessoas com uma finalidade comum que perseguem a defesa de determinados interesses. Sua finalidade pode ser altruística – como uma associação beneficente que atende a uma comunidade sem restrições qualificadas – ou não altruística, no sentido em que se restringe a um grupo seletivo e homogêneo de associados. No caso da associação ASCORALINAS, trata-se de uma associação não altruística, visto que ela atende a um público específico, que são as mulheres em situação de vulnerabilidade e de violência doméstica.

Uma característica comum da maioria das associações é a formação para o trabalho, com foco na emancipação econômica e social. Outra característica é a heterogeneidade dos membros enquanto perfil social, econômico e cultural. A maioria dos associados são pessoas marginalizadas: pobres, desempregados, negros, mulheres, idosos, dentre outros.

As associações podem promover benefícios de ordem pessoal que estão ligados à autoestima e às habilidades de comunicação em público e de questionamento a ordem social.

Com efeito, as assertivas a respeito da importância democrática das práticas associativas estão ancoradas na compreensão de que, para além do direito individual de associação, o associativismo preencheria de forma substantiva uma boa quantidade de requisitos considerados fundamentais para estabelecer uma sociedade democrática: por sua capacidade de defender as demandas dos grupos mais vulneráveis e excluídos. (LÜCHMANN, 2014, p. 162)

¹⁰ BRASIL, Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Brasília, DF: **Diário oficial da união**, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406compilada.htm Acesso em 15 jan 2022.

Como é possível entender, as semelhanças das associações estão no fato dos indivíduos associados agirem democraticamente, visando atender as demandas, especialmente, de outros grupos mais vulneráveis da sociedade.

A associação ASCORALINAS possui tais semelhanças, já que busca atender ao coletivo. No entanto, ela difere-se das outras associações por ser composta apenas por mulheres, assim, entram em debate questões a respeito da condição do ser mulher numa sociedade predominantemente construída sob paradigmas masculinos. Num âmbito maior, ASCORALINAS tem como proposta conscientizar as participantes a assumirem sua condição feminina e a defenderem seu lugar no meio social, um lugar de trabalho e de luta constantes.

Para melhor entender a constituição da ASCORALINAS, a próxima seção é dedicada a analisar o processo de formação dessa associação, desde o seu projeto inicial até a sua consolidação. Neste sentido, é possível destacar a importância do uso de imagens e tabelas que dialogam com o processo descrito e analisado.

1.3 Do projeto Mulheres Coralinas à associação ASCORALINAS

O projeto Mulheres Coralinas foi idealizado e realizado em 2013 e executado nos anos de 2014 e 2015 pela Prefeitura Municipal de Goiás por meio da Secretaria municipal de Cultura e do Centro Especializado de Atendimento à Mulher (CEAM). Durante seus dois anos de existência, o projeto tinha como objetivo principal formar e/ou capacitar mulheres urbanas de baixa renda e/ou que sofriam violência doméstica, essa formação era realizada em áreas de trabalho no que compreende o artesanato: bordado, cerâmica, confecção de bonecas, de artesanatos em fibras vegetais e gastronomia. Além desses, o projeto também contemplava os eixos transversais que contemplavam a formação literária e o acesso aos bens culturais da Cidade de Goiás para professoras e garís.

Esse projeto veio de uma organização social¹¹, considerando que as Organizações de Movimentos Sociais partem da relação de objetivos afins, assim, “os movimentos seriam estimulados não apenas pelos interesses de seus membros, mas também pelos de agentes governamentais, entidades particulares...” (GOHN, 1997: 52 *apud* RIBAS, 2010, p. 22). No cenário do projeto Mulheres Coralinas, apresentava-se o desejo das mulheres que foram, então, apoiadas financeiramente pelo poder público municipal e pela

¹¹ As organizações sociais são ações posicionamento dos membros de uma sociedade ou totalidade nos estratos sociais, à mobilidade social, ao ator social como cidadão e como identidade sociocultural.

Secretaria de Políticas para as Mulheres do Governo Federal, órgão que financiou as atividades de formação das mulheres.

É importante mencionar mais uma vez que o projeto foi pensado por mulheres, para mulheres e na época tinha no governo federal a presidenta Dilma Rousseff, no governo municipal a prefeita Selma Bastos e foi por meio da emenda parlamentar da ex-deputada Marina Santana que foi possível desenvolver o projeto Mulheres Coralinas. Desse modo, havia um coletivo de mulheres se movimentando em prol de proporcionar uma vida mais digna a outras mulheres.

O Mulheres Coralinas estabeleceu, como já citado, um movimento com convergências de vários conhecimentos disciplinares que se inter cruzaram: literatura, saberes populares, como artesanato, patrimônio histórico-cultural, meio ambiente, Ciências Sociais, representadas pelo Direito, pelos Direitos Humanos e pela História e Sociologia. Logo, as Mulheres Coralinas vivenciaram a cultura popular, por meio de palestras e rodas de conversas com especialistas na área; a exploração do meio ambiente com sustentabilidade, por exemplo, na colheita das fibras vegetais; a inclusão digital, com momentos práticos e mediados por agentes capacitados nos meios digitais; a vida em coletividade por meio do associativismo e cooperativismo; o patrimônio histórico que a Cidade de Goiás tem a oferecer; os direitos assegurados à mulher pela Lei Maria da Penha; e outras experiências, que promovem a visão reflexiva do mundo e que, desse modo, podem afetar as mulheres subjetivamente, permitindo-lhes seu autoconhecimento.

A seguir, é possível visualizar, de maneira geral, por meio de tabelas, as oficinas e as atividades que foram ofertadas de forma comum a todas as áreas e as que se constituíram específicas para cada grupo. Notemos que havia, nas práticas desenvolvidas pelo projeto, a indução para várias atividades, visando a inserção das Mulheres Coralinas ao mundo do trabalho, contudo, as propostas buscavam ir além disso. Logo, estimulavam a reflexão sobre o fazer coletivo e sobre seus direitos enquanto cidadã.

Tabela 01 - Oficinas e atividades do Módulo I - Gastronomia: Doces e Quitandas

Oficina/Atividade	Oficineira (o)
Oficina de técnica de doces goianos e segurança alimentar	Humberto Marra e Laila Biancardini (Goiânia-GO)
Oficina de técnica de quitandas tradicionais e segurança alimentar	Humberto Marra e Laila Biancardini (Goiânia-GO)
Oficina de identidade visual, confecção de embalagem e acondicionamento de produtos	Arthur Martins Barbosa (Goiânia-GO)
Oficina de <i>food design</i> e produção	Silvana Bufáical Neves (Goiânia-GO)
Oficina de arte culinária com produtos do Cerrado	Letícia Massula (São Paulo-SP)

Palestra: Cozinhar, a arte de alimentar e congregar pessoas	Caio Jardim (Goiânia-GO)
Oficina de cultura popular e educação patrimonial	Lucinete de Moraes (Cidade de Goiás-GO)
Oficina de inclusão digital: <i>marketing</i> e comercialização na internet	Diego Viana Roriz (Goiânia-GO)
Oficina de introdução às leis de proteção à mulher	Parceiros
Palestras sobre práticas associativistas, cooperativistas e empreendedorismo	Parceiros
Encontro com as mestras da culinária vilaboense	Parceiros

Fonte: (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 40-41)

As receitas desenvolvidas no módulo da gastronomia foram um resgate da tradição vilaboense por mestras da cozinha tradicional. Esses momentos foram conduzidos pelo chefe de cozinha Humberto Marra e a assistência do chefe da Cidade de Goiás, Aloisio Godinho. Assim:

enquanto elas preparavam os pratos, o oficineiro fazia os ajustes necessários, para que houvesse uma universalização de medidas, e relatava outras experiências que poderiam ser acrescentadas às receitas tradicionais, agregando recursos dos dias atuais. (SIQUEIRA; CAMARGO. 2016, p. 39).

Vale mencionar que as mestras advinham de pelo menos três gerações da culinária vilaboense. Desse modo, havia uma mestra ensinando a receita, mas também tiveram uma mesma receita sendo compartilhada por diferentes mestras de gerações distintas.

A cada receita passada era uma garantia de que a tradição permaneceria entre novas gerações.

Figura 01 – Oficina de gastronomia



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

Depois dos pratos prontos, quitandas e doces, esses eram partilhados entre as cursistas e oficineiros que os saboreavam juntos, proporcionando os primeiros laços de união do grupo.

Figura 02 – Oficina de gastronomia – o *food design*



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

As oficinas de *food design*, como mostrado na figura acima, objetivavam despertar o olhar estético¹² das mulheres ao apresentar o alimento para fins comerciais. Assim, enriquecendo os pratos com toques simples, como uma lasca de canela ou uma florzinha ao lado.

Tabela 02 - Oficinas e atividades do Módulo II – Artesanato: confecção de bordado e Módulo III Artesanato: confecção de boneca

Oficina/Atividade	Oficineira (o)
Oficina de criação, <i>design</i> e produção	Rosenélia da Silva e Ana Christina Rocha Lima (Goiânia-GO)
Oficina de capacitação em técnica de bordado	Milena Curado de Barros (Goiânia-GO)
Oficina de identidade visual, confecção de embalagem e acondicionamento de produtos	Pedro Henrique Otto (Cidade de Goiás-GO)
Oficina de <i>design</i> e bordados inspirados na obra de Cora Coralina	Ciça Fittipaldi (Goiânia-GO)
Oficina de bordado: do tecer ao texto e vice-versa	Marcela Carvalho (Rio de Janeiro-RJ)
Oficina de cultura popular e educação patrimonial	Lucinete de Moraes (Cidade de Goiás-GO)
Oficina de inclusão digital: <i>marketing</i> e comercialização na internet	Cecília Helena Brito (Cidade de Goiás-GO)
Oficina de introdução às leis de proteção à mulher	Parceiros
Palestras sobre práticas associativistas, cooperativistas e empreendedorismo	Parceiros
Oficina em técnica de confecção de boneca I	Andréa Arantes Alves (Goiânia-GO)
Oficina de <i>design</i> e identidade visual para bonecas	Hilda Freire (Olhos d'Água-GO)
Oficina de bonecos articulados	Flávio de Oliveira (Goiânia-GO)
Oficina em técnica de confecção de boneca II	Hildete Libório de Oliveira (Rio de Janeiro-RJ)

Fonte: (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 66-68)

Nesses módulos, além da técnica de confecção de bonecas, as mulheres tiveram a memória tocada por versos de Cora Coralina que remetiam a falta de recursos financeiros de muitas famílias vilaboenses. Neste cenário, a boneca de pano era um produto mais barato e possível de ser adquirido. No espaço das Mulheres Coralinas, o que ficou foram as memórias da criatividade e imaginação, assim, diferentemente das produções em séries, a proposta era dar novos significados ao objeto artesanal. Portanto, vale destacar ainda que cada boneca(o) produzida(o) partia de uma narrativa histórica, considerando a

¹² É um olhar mais livre na sua apreensão significativa do mundo, pois busca outros ângulos de leitura, não para ver o objeto em sua pré-suposta verdade, mas procurando, na relação estética com ele estabelecida, produzir novos sentidos para a configuração de realidades outras. Disponível em <https://www.scielo.br/j/prc/a/6JtwvPS7xrtDQFDJfyJRQnr/?lang=pt#:~:text=A%20percep%C3%A7%C3%A3o%20est%C3%A9tica%20em%20contrapartida,a%20configura%C3%A7%C3%A3o%20de%20realidades%20outras>. Acesso em 20 mai 2023.

vida de Cora Coralina, as pessoas ou personagens que foram do seu convívio, assim como a história de cada artesã que, através das suas mãos, mesclavam as experiências de vida.

Figura 03 – Oficina de artesanato – Confeção de boneca com a monitoria da mestra Andréia Arantes.



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

Já as mulheres do módulo de bordados tiveram lições sobre desenho, sobre pontos tradicionais das antigas bordadeiras. Ademais, com o objetivo de despertar a atenção das Mulheres Coralinas para definirem a identidade das peças a serem produzidas por elas, foi fundamental “as oficinas de criação, *design* e produção ministradas por Ana Christina da Rocha Lima e as de *design* e bordados, inspirados nos versos de Cora Coralina, ministradas pela ilustradora Ciça Fittipaldi.” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 65).

Figura 04 – Oficina de artesanato – Confeção de bordados



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

E foi com a união das bordadeiras mais experientes e as principiantes que os encontros tiveram mais do que o aprendizado da técnica de manusear agulha com linha e traçar pontos, foram momentos de ajuda mútua entre o coletivo de mulheres. As cursistas desse módulo vivenciaram o ofício de bordadeira como uma fonte de renda e despertou o olhar para além do fazer característico da mulher doméstica, “em seu papel consagrado de esposa devotada e mãe diligente.”

Tabela 03 - Oficinas e atividades do Módulo IV – Artesanato de fibras vegetais e Módulo V Artesanato em cerâmica

Oficina/Atividade	Oficineira (o)
Oficina de técnica de artesanato em palha	Maria de Fátima Dutra (Olhos d'Água-GO)
Oficina de <i>design</i> e identidade visual com elementos do Cerrado para aplicação em artesanato de palha	Rozélia de Fátima Dutra (Olhos d'Água-GO)
Oficina de confecção de peças em palha	Léo do Pandeiro (Cidade de Goiás-GO)
Oficina de montagem de colares artesanais	Maria Alexandrina de Castro (Cidade de Goiás-GO)
Oficina de cultura popular e educação patrimonial	Lucinete de Moraes (Cidade de Goiás-GO)

Oficina de introdução às leis de proteção à mulher	Parceiros
Palestras sobre práticas associativistas, cooperativistas e empreendedorismo	Parceiros
Oficina de técnica de artesanato em cerâmica	Hilda Freire (Olhos d'Água-GO)
Oficina de técnica de artesanato em cerâmica – Peças para decoração	Carlos Antônio da Silva (Aparecida de Goiânia-GO)
Oficina de <i>design</i> e identidade visual para figuras humanas	Hilda Freire (Olhos d'Água-GO)
Oficina de teoria sobre manipulação do barro	Castro Anselmo Filho (Cidade de Goiás-GO)

Fonte: (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016, p. 126 e 144)

O artesanato utilizando a palha, folhas desidratadas e outros elementos da natureza despertou nas mulheres uma nova visão para a arte e a sustentabilidade, isso se comprova em depoimentos de algumas em Siqueira e Camargo (2016, p. 127).

Para nós, participantes do Projeto Mulheres Coralinas foi sair do nosso anonimato, deixar nosso mundinho, no município de Itapirapuã, estar junto com outras pessoas em uma cidade onde a arte acontece. Nós já tínhamos um conhecimento que ia desde juntar a matéria prima até fazer o tingimento das folhas. Mas nosso conhecimento era limitado. Com o projeto, vimos que, com criatividade, é possível fazer inúmeras coisas com tudo que temos ao nosso alcance. Além disso, conhecemos muitas pessoas, histórias e comprovamos que, para que a arte circule, é importantíssima a coletividade.

Irani Maria da Silva Pereira e Juracy Maria da Silva (Cursistas do Módulo IV artesanato em fibras naturais.)

As Mulheres Coralinas conseguiram, ainda durante o projeto, perceberem a relevância do trabalho coletivo para que o conhecimento seja sistematizado e compartilhado. Assim, é segundo as palavras de Gehlen (2018, p.39-40) “as pessoas podem viver longe e, no entanto, formar uma espécie de comunidade, pois compartilham valores existenciais e de orientação que dão um sentido específico a suas vidas”, e é isso que se nota da relação dessas Mulheres Coralinas com o trabalho desempenhado pela associação.

Figura 05 – Oficina – Artesanato em palha



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

A arte em cerâmica é o artesanato mais produzido na Cidade de Goiás. Desse modo, foram muitas as experiências, histórias e técnicas compartilhadas pelas mestras mais velhas às mais novas. São diferentes gerações se aperfeiçoando e não deixando a tradição acabar. Assim diz uma artesã:

Eu sou a quarta geração da minha família de artesão na Cidade de Goiás e agora tive a oportunidade única de participar do projeto que é Mulheres Coralinas, que é a Cora, faz parte da história da nossa cidade, hoje estou muito grata por ter aprendido a fazer essas esculturas e é por aí que vamos crescendo. Alice Noronha¹³

A Coralina acima, bem como outras, apresenta certa satisfação em se aperfeiçoar num ofício que vem desenvolvendo a tantos anos e é herança de família.

Figura 06 – Oficina – Artesanato em cerâmica com a mestra Hilda Freire



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

De acordo com os registros do projeto Mulheres Coralinas, todas as oficinas de capacitação em uma técnica para o trabalho foram norteadas pela leitura da vida e obra da poetisa Cora Coralina. Ademais, tiveram palestras de formação em associativismo,

¹³ ASSOCIAÇÃO Mulheres Coralinas. Documentário Projeto Mulheres Coralinas. 3 de ago. de 2017
YouTube <https://www.youtube.com/watch?v=uWa7FDWwzJw> Acesso 20 mai 2023.

cooperativismo e empreendedorismo, com o apoio do SEBRAE-GO, no sentido de orientar as mulheres quanto à organização do trabalho e do comércio.

Na *figura 07*, à esquerda, o oficinairo Rogério Alexandre Leite, à direita, a também oficinaira, Cecília Helena Brito. Ambos levando ao coletivo de mulheres conhecimentos sobre a comercialização de produtos por meio digital.

Figura 07 – Oficina de inclusão digital: *marketing* e comercialização na internet



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

Já na *figura 08*, Aguiel Lourenço, enquanto um agente pastoral da Comissão Pastoral da Terra – GO (CPT), na época, dialoga com o grupo de mulheres a fim de apresentar, de forma concreta, as características no que compreende os deveres e direitos de uma pessoa associada.

No associativismo, um coletivo de pessoas alcança expressão social mais significativa, podendo contribuir com o desenvolvimento local, por meio de ações que visem a melhoria de um ou mais aspectos da vida social. No entanto, para que essa finalidade seja adquirida com sucesso, a associação e as associadas precisam ter conhecimento sobre os princípios básicos que conduzem o associativismo.

No seio das Mulheres Coralinas, a aquisição desses princípios tem ocorrido de maneira lenta. Pois, ainda se nota tensões internas referentes a distribuição de funções dentro do coletivo ASCORALINAS.

Figura 08 – Palestra sobre cooperativismo e associativismo



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

O projeto Mulheres Coralinas, como já mencionado, teve um eixo transversal que visava capacitar mulheres educadoras e as mulheres garis da Cidade de Goiás nas áreas da leitura literária e na apropriação de bens culturais tanto materiais, como os monumentos históricos no que compreende os museus, assim como os imateriais, que são as histórias desses espaços e de quem viveu neles, construindo a nossa história também.

A seguir, temos a *Figura 09*, que simboliza a abertura desse módulo transversal de formação para as professoras. A escritora Eliana Yunes, *à esquerda*, a professora e prefeita na época, Selma Bastos, *ao centro*, a professora e secretária de Cultura municipal na época, Goiandira Ortiz, *à direita*. Logo abaixo, a professora, Josiane Leite, com a filha, Ester, nos braços, participando da leitura compartilhada da obra de Cora.

Figura 09 – Abertura da Oficina de leitura literária



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

Esse eixo transversal foi denominado: *leitura, cultura popular, direito e cidadania* e teve como objetivos conhecer e analisar, de maneira mais crítica, o patrimônio imaterial

e material que representa a cultura vilaboense. Assim, o objetivo com esse grupo era que as associadas tivessem acesso a uma forma de legitimação do trabalho, podendo enxergar nele sua viabilidade, assim como a possibilidade de como colocar em prática o seu ofício de professora e a formação patrimonial e literária que receberam.

Para a melhor compreensão desse módulo, é necessário a retomada de conceitos como de cultura popular. Como se sabe, a palavra cultura foi adquirindo ao longo dos tempos diferentes significados. Mas, de acordo com Chauí (2014, p. 273)

Atualmente, a cultura é dita em dois sentidos principais: na linguagem dos antropólogos, refere-se a totalidades simbólicas e imaginárias, modos como diferentes sociedades se articulam internamente e representam a si mesmas, dando sentido as suas origens, suas práticas, e seus valores; na linguagem burguesa corrente, introduz uma oposição entre os que possuem certos conhecimentos (teóricos e técnicos) e os que não os possuem, os primeiros sendo “cultos” e os segundos “incultos”, a escolaridade sendo o critério aparente dessa oposição.

É válido ressaltar, que a ênfase adotada por esse eixo é a do conceito antropológico, considerando que o conhecimento e a valorização dos bens que compõem a sociedade vilaboense é o foco da formação. Porém, o título do eixo transversal vai além disso, pois se trata mais propriamente de cultura popular. Desse modo, os bens materiais ou imateriais postos a serem conhecidos serão do povo que, frequentemente, é visto como “dominados”¹⁴, se transformando ora em símbolo de resistência, ora na manutenção de uma ideologia.

Como os conhecimentos e o direito são socialmente construídos, por isso, a importância desse módulo para a formação continuada das educadoras.

Uma das atividades desenvolvidas com as mulheres garis foi a visita mediada ao *Museu Casa de Cora Coralina*. Essas mulheres cuidam da limpeza urbana na Cidade de Goiás, passam regularmente na porta dos museus, no entanto, nunca tiveram a oportunidade de entrar e conhecer a história desses espaços. Assim algumas disseram no documentário do PMC¹⁵.

¹⁴ Para Chauí (2014, p. 274) a cultura popular como cultura dos dominados, como expressão diversificada, ambígua e contraditória de elementos de contestação e de resistência e de elementos de manutenção da ideologia dominante, incorporada a seu modo pelos populares.

¹⁵ ASSOCIAÇÃO Mulheres Coralinas. Documentário Projeto Mulheres Coralinas. 3 de ago. de 2017 YouTube <https://www.youtube.com/watch?v=uWa7FDWwzJw> Acesso 20 mai 2023.

Fico agradecida pela visita, pois sou nascida e criada aqui e nunca entrei lá dentro da casa de Cora Coralina. E foi uma novidade pra mim. Wilma Franco

Achei tudo lindo, encantei, porque eu nunca tinha entrado, eu achei lindo foi as roupas dela, quando entrei lá até arrepiei, tô até arrepiando só de falar. Ediusa Coelho

Figura 10 – Oficina de leitura e visitas mediadas com as mulheres Garis



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

No entanto, vale mencionar algumas dificuldades em acessar o grupo das mulheres garis ao longo do projeto alegando:

- Que atrasaria o serviço delas;
- Que não sabiam ler, nem escrever;
- Que saber da vida de Cora e ler seus poemas não mudaria as suas vidas.

Logo, foram mulheres que necessitaram ser mediadas de forma muito cuidadosa, inclusive com a presença da prefeita da Cidade e da gari chefe motivando-as, uma vez que apresentaram resistência com a proposta do projeto, a participar dessa incitava.

Além desses entraves, algumas ainda se mostravam envergonhadas para se assentar em roda de conversa, em se expor oralmente em voz alta, mesmo que diante das companheiras de trabalho diário.

Então, foi por meio de um trabalho bem verticalizado que as mulheres garis passaram a se mostrar mais integradas ao projeto Mulheres Coralinas. De modo geral, o maior envolvimento desse grupo ocorreu quando as discussões envolviam os seus direitos enquanto mulheres.

Neste sentido, destacamos uma das palestras realizada para todas as cursistas do referido projeto que foi sobre a Lei Maria da Penha¹⁶.

Figura 11 – Palestra sobre a Lei Maria da Penha



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

Esse encontro possibilitou a todas as participantes conhecer, verdadeiramente, a história da mulher, Maria da Penha, que teve seu nome atrelado a essa lei que:

[r]esulta da luta feminista pela criação de um expediente jurídico capa de combater as situações de violência contra as mulheres, possibilitando mudanças significativas no âmbito dos direitos. Trata-se também de nova forma de administração legal dos conflitos interpessoais, [...] Além de definir o que é e quais são as formas de violência, consolidou estratégias de prevenção, assistência e proteção às mulheres, articulando as três esferas do poder: Executivo, Legislativo e Judiciário. (HOLLANDA, 2019, p. 307)

Em linhas gerais, a Lei Maria da Penha surgiu como uma maneira de atender efetivamente as mulheres que sofrem violência doméstica, pois como destaca ainda a

¹⁶ A Lei n. 11.340, sancionada em 7 de agosto de 2006, passou a ser chamada Lei Maria da Penha em homenagem à mulher cujo marido tentou matá-la duas vezes e que desde então se dedica à causa do combate à violência contra as mulheres. Disponível em <https://www.cnj.jus.br/lei-maria-da-penha/> Acesso em 22 mai 2023.

autora, a Lei nº 9.0099/95¹⁷, tinha por objetivo julgar os crimes tido como “menor potencial ofensivo”, assim, “os conflitos conjugais aplicados de acordo com essa lei não eram analisados em sua dimensão sociológica e cultural e acabavam banalizados”. (p. 302)

Portanto, a palestra e as outras atividades do eixo transversal proporcionaram às mulheres cursistas o conhecimento de que foi necessário um movimento feminista para lutar por uma lei específica que atendesse as mulheres vítimas de violência doméstica e que essa lei existe hoje. É válido mencionar que determinadas ações propostas por esse projeto reforçam o papel dos movimentos sociais para alterações no campo social e político de um grupo, pois:

[r]epresentam um objeto que atravessa diversos campos de força e espaços simbólicos de significação e dão suporte à trama da vida social. Essa transversalidade por várias dimensões da vida social, bem como sobre os vários tipos de lutas e de movimentos sociais, aqui sumariamente arrolados, permite-nos afirmar, que o saber social processa-se na própria experiência de vida,[...] (CRUZ, 2004, p.178)

Ao discorrer sobre um saber social das mulheres, é possível, ainda, salientar que o entendimento da sua própria realidade econômico e social se desenvolve no seu contexto de vida.

Entre as ações previstas no projeto Mulheres Coralinas, havia uma visita técnica à Diamantina (MG) com parada em Olhos d’Água (GO). Essa missão foi cumprida em outubro de 2015. A escolha desses lugares se justificava pelo fato de serem referências em artesanato e em trabalhos associados.

Neste sentido, é relevante saber que Diamantina está, ao lado da Cidade de Goiás, no livro *Patrimônios do Brasil* (GONÇALVES, 2022, p.107). Nesse livro há a referência de que “A sociedade diamantina, espelho do Brasil, foi desde sempre terra de contraste. Dificuldades e deslumbramentos, fartura e pobreza se misturavam na topografia e na paisagem peculiar que tanto impressionou viajantes experientes.” Haveria, portanto,

¹⁷ Os Juizados Especiais Cíveis e Criminais previstos constitucionalmente e atualmente regulados pela Lei 9.099/95 se destinam a julgar casos de menor complexidade decorrentes de pequenos conflitos do cotidiano, ganhando destaque entre estas ações as provenientes das relações com consumidores. Fonte: FACHINI, Tiago, **Lei 9099/95: prazos em Juizados Especiais Cíveis e Criminais**, Projuris, 2021. Disponível em <https://www.projuris.com.br/blog/lei-9099-95/> Acesso em 21 mai 2023.

semelhanças bem singulares entre a cidade das Coralinas e a cidade de Diamantina, começando pelo seu processo de formação histórica.

Figura 12 – Nas ruas de Diamantina – MG e no ateliê de Hilda Freire: Missão técnica



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

A Viagem técnica à Diamantina teve o apoio da Prefeitura Municipal de Goiás, por meio da Secretaria de Cultura. Na oportunidade, a secretária de cultura, Flávia Rabelo, acompanhou o grupo de Mulheres e alguns agentes municipais da área do turismo. O objetivo da viagem era conhecer uma cidade também tombada com o título de Patrimônio da Humanidade e que a economia gira entorno do turismo. Houve um momento com o prefeito e com outras autoridades do poder público para conversar e compartilhar as fontes de economia de ambas as cidades, tendo em comum o fato de ser o turismo a maior fonte de renda.

O projeto Mulheres Coralinas, dessa forma, promoveu atividades de formação em aspectos distintos da vida social e, mostrou que “Nas sociedades modernas e democráticas, a cidadania torna-se um direito e não uma concessão.” (GEHLEN e MOCELIN, 2018, p. 15)

Assim, exercendo o seu direito de escolha democraticamente, todas as mulheres do projeto Mulheres Coralinas puderam escolher ser ou não uma mulher associada.

Figura 13 – Reunião de fundação da Associação ASCORALINAS



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS.

Então, depois de dois anos de capacitações em diferentes áreas do conhecimento, como já mencionado, as mulheres perceberam que o projeto tinha ganhado notoriedade nacional e alcançava desdobramento e sustentabilidade. Assim, algumas das Mulheres Coralinas se reuniram decididas a se associarem. Dessa forma, como um desdobramento de todo o trabalho desenvolvido por meio do Projeto *Mulheres Coralinas*, foi fundada, em maio de 2016, a Associação Mulheres Coralinas – *ASCORALINAS*. Das 150 cursistas, 71 aceitaram o desafio e participaram da reunião de fundação da Associação *ASCORALINAS*. Esses números revelam a insegurança, o medo de assumirem -se como sujeitos que constroem suas próprias histórias.

Inicialmente, o professor e advogado José do Carmo, enquanto aliado político e esposo de uma das idealizadoras do projeto, profa. Ebe Siqueira, passou a orientar, juridicamente e politicamente, o coletivo de mulheres. Assim, o primeiro passo foi a criação do Estatuto da Associação¹⁸.

¹⁸ O estatuto social é um documento que irá constituir e regulamentar os direitos e deveres da sociedade e seus sócios, voltado para a organização de associações, entidades sem fins lucrativos e sociedades por ações. Uma associação somente será constituída em conformidade com a lei, após o registro do estatuto na junta comercial ou no cartório de registro de pessoas jurídicas. Vale ressaltar que a legislação obriga à presença de alguns tópicos no estatuto, sob pena de nulidade, dessa forma, dispõe o artigo 54 do Código Civil, dentre eles:

- Denominação
- Finalidade da pessoa jurídica
- Direitos e deveres das pessoas associadas
- Respektivas fontes de recursos financeiros

Fonte: RODRIGUES, Danniell Barbosa. **O estatuto da advocacia e a regulamentação da área**, BV/A, 2022. Disponível em <https://bvalaw.com.br/estatuto-social/#:~:text=O%20estatuto%20social%20%C3%A9%20um,certid%C3%A3o%20de%20nascimento%20da%20sociedade>. Acesso 21 mai 2023.

Para todas as envolvidas na criação da ASCORALINAS, esse era um processo novo, com tensionamentos, especialmente no campo das decisões que envolviam as relações humanas. No cumprimento às demandas que começavam a surgir, frequentemente, não havia “mão de obra”, sobretudo quando o designo se referia a participação em espaços públicos, no desenvolvimento de atividades que ainda não tinha um retorno financeiro ou no direcionamento individual de um afazer com o coletivo.

Figura 14 – Posse da 1ª diretoria e conselheiras da associação ASCORALINAS



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS

A foto acima retrata a cerimônia de posse da primeira diretoria e das conselheiras da Associação ASCORALINAS. Neste momento estavam presentes as Mulheres Coralinas empossadas e recebendo o certificado, dentre elas, a Presidente da Associação, Ebe Maria de Lima Siqueira. Além disso, compareceram algumas autoridades como a prefeita da Cidade de Goiás na época, Selma Bastos, a secretária de cultura municipal que atuava quando do lançamento do projeto, Profª. Goiandira Ortiz, a nova secretária de cultura Flávia Rabelo, a Diretora do CEAM, Elenízia da Mata e o Frei Paulo, Diretor da UEG -Unidade Cora Coralina, local onde ocorreu o evento. Pode-se observar que havia um coletivo da área pública e política atuando desde o início com as Coralinas. O que seria mais uma característica dos novos movimentos sociais que segundo Gohn (2015, p. 30)

[os] movimentos sociais em geral tiveram que abandonar algumas posturas e adotaram posições mais ativas /propositivas. Passaram a atuar em rede e em parceria com outros atores sociais, dentro dos marcos da institucionalidade existente e não mais à margem, de costas para o Estad[o]

Como já mencionado, do conjunto das 150 mulheres capacitadas no projeto, 75 compõem, hoje, a Associação ASCORALINAS que, novamente, com os importantes apoios da Prefeitura Municipal de Goiás, do MPT-GO, da OIT e das universidades públicas da Cidade de Goiás, estrutura-se como força emancipatória para meninas e mulheres.

A ASCORALINAS configura-se como um coletivo político¹⁹ que tem, entre seus objetivos, abrir espaços para as vozes femininas que têm sido historicamente silenciadas em Vila Boa de Goiás. Sua força funda-se na preservação dos saberes das mãos que contemplam a experiência dos mais velhos, narrativas da tradição, saberes e fazeres passados de mãe para filha. Sobretudo, como oportunidade de rompimento com traços históricos que reduzem a capacidade intelectual e de trabalho das mulheres. Alguns desses traços estão relacionados à educação dos filhos, ao cuidado com a família e à vida doméstica.

Nesta perspectiva, Norberto Bobbio (1997), cientista político italiano, citado por Gehlen e Mocelin (2018, p. 14),

sugere uma reflexão sobre as desigualdades consideradas naturais e as desigualdades consideradas sociais. Conforme esse autor, duas pessoas podem ser diferentes por terem características físicas e ou biológicas diferentes; por exemplo, um homem se diferencia de uma mulher pela característica biológica sexo. Essa diferença pode ser considerada natural, por ser inerente ao sujeito. Em contrapartida, a diferença de sexo pode ser ressignificada nas relações sociais e tornar-se um elemento de diferenciação e de desigualdade social.

A compreensão sobre as desigualdades sociais estarem associadas às diferenças naturais entre os seres humanos é necessária para as próprias mulheres saberem que, o fato não é ter nascido mulher, mas sim por serem construídas nas interações sociais que uma característica biológica as levava a adquirir estigmas negativos ou positivos, principalmente no que se refere a capacidade intelectual e profissional.

São complexas as situações que abrangem a condição da mulher na sociedade, considerando aspectos históricos que interferem diretamente na construção social feminina.

Neste sentido, as Mulheres Coralinas, como já citado, puderam contar com o apoio da prefeitura da Cidade que tinha como representante, uma mulher, profissional da área da educação. Assim, logo que a associação se constituiu legalmente, foi cedida uma sala-

¹⁹ Trabalha pela igualdade de gênero e contra qualquer tipo de discriminação.

sede para as Coralinas, levando-as a assumirem mais uma responsabilidade enquanto permissionárias²⁰ do Mercado Municipal da Cidade de Goiás.

Os produtos das Coralinas são comercializados nessa sala, loja física. As peças bordadas, objetos em cerâmica e palha e as quitandas e doces produzidos pela associação buscam honrar o trabalho e a vida da poetisa maior do Estado de Goiás, Cora Coralina.

Figura 15 – Abertura da sala Artesania das Mulheres Coralinas no Mercado Municipal de Goiás em 18/12/2016.



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

A associação das Mulheres Coralinas carrega como seu principal acervo os saberes das mestras que guardam o ofício de doceiras, ceramistas e bordadeiras, que estão sendo registrados em publicações e demais arquivos fotográficos e filmicos. As escolhas do conteúdo a ser aprimorado e repassado procuram atender as práticas tradicionais que

²⁰ Aquele a quem algo é permitido. O bem público é inalienável, portanto, as Mulheres Coralinas, não passaram a ser donas do espaço, elas tiveram licença para ocupar uma sala do Mercado Municipal de Goiás.

envolvem os conhecimentos que já estão, a pelo menos três gerações, presentes na comunidade local, garantindo a valorização e as permanências de tais práticas para que elas não caiam no esquecimento. A pesquisa e realização das oficinas procuram contemplar a cultura local, historicamente consolidada nos saberes e nos fazeres da tradição, mas também procuram estabelecer um diálogo com novas linguagens permitindo, às vezes, a ressignificação das práticas e dos resultados alcançados.

Para o desenvolvimento do seu trabalho, a Associação contou com o apoio da Organização Internacional do Trabalho-OIT e com o apoio do Ministério Público do Trabalho de Goiás. O projeto *Saberes das Mãos: Cidadania Cultural e Formação para as Mulheres Coralinas* foi realizado ao longo do ano de 2019, permitiu a formação de 150 mulheres em modalidade presencial e resultou, para além das oficinas práticas, na elaboração do *I livro da Coleção Saberes das Mãos – Gastronomia*, reunindo além de receitas tradicionais, 32 narrativas de vidas das mestras envolvidas.

Durante os dois anos de formações por meio do projeto Mulheres Coralinas, as associadas receberam inúmeras informações sobre seus direitos enquanto mulher. No entanto, ainda era preciso que se apropriassem mais de alguns conceitos, adquirindo realmente conhecimentos que contribuíssem com a sua emancipação econômica e social. Desse modo, além das técnicas voltadas ao trabalho manual, o projeto *Saberes das Mãos* propôs a formação em cidadania cultural.

Num primeiro momento, entender o que é exercer a cidadania é fundamental, uma vez que é participando da vida pública, usufruindo dos seus direitos a partir do cumprimento dos deveres que um indivíduo garantirá a liberdade individual ou de um coletivo. Por isso, é relevante “entender a diferença entre cidadania e identidade social: a primeira remete à questão da desigualdade social relacionada ao espaço público, e a segunda, à questão da diferença social relacionada ao espaço privado.” (GEHLEN; MOCELIN, 2018, p.15).

Nesse sentido, os mesmos autores destacam que o trabalho é um subsídio que assegura à mulher, no caso em estudo, a liberdade de trânsito pelo território, de expressão acerca de suas críticas e de acessar bens públicos. Enfim, é a partir dessa gama de conhecimentos que as mulheres poderão apresentar e vender a sua força de trabalho, garantindo uma vida mais digna economicamente e socialmente.

No ano de 2020, o Projeto *Saberes das Mãos* foi reeditado e, em função da Pandemia causada pelo Covid-19, teve que ser adaptado e as formações foram oferecidas

em formato virtual. A segunda edição, também contou com a edição do *II título da Coleção Saberes das Mãos*, agora com narrativas das mulheres da cerâmica.

Além das Mulheres associadas, a formação também está sendo oferecida para mulheres da comunidade, inclusive de outros municípios. As capacitações proporcionadas pela Associação oportunizam o ingresso de outras mulheres na associação, uma vez que o estatuto da Associação prevê como critério de entrada para novas associadas a participação em uma formação oferecida pela própria Associação.

As atividades de formação e o acervo de peças que constituem a memória do coletivo ganharam um espaço apropriado e construído, com aporte financeiro também do Ministério Público do Trabalho de Goiás, que é a Casa Coralina. Esse equipamento cultural, composto por três ateliês e um auditório, foi entregue à comunidade em dezembro de 2021.

Além dos projetos de formação continuada nas áreas dos saberes das mãos, a Associação mantém um grupo de vocalizadoras que se dedicam a dizer em voz alta os poemas das poetisas locais e da literatura de punho feminino. O grupo *Vozes Coralinas* também recebe formação específica e tem atuado em diferentes eventos na Cidade e em outras localidades.

Outra forma de atuação das Mulheres Coralinas tem sido a participação em feiras especializadas em artesanato e gastronomia locais, estaduais e nacionais. O trabalho com a poesia aplicada às peças de argila e tecido tem revelado ser o ponto forte da Associação. Neste sentido, o bordado nas máscaras destaca-se durante o período da Pandemia, pois essa ação permitiu que as mulheres continuassem integradas, gerando renda de forma segura, e os versos tornaram-se fios de esperança de dias melhores. Como destaca a Coralina Beatriz: “Eu estava passando dias muito angustiada, com depressão, senti mais segura bordando máscaras que chegam a nossas portas e viajamos nos versos que são bordados.”²¹

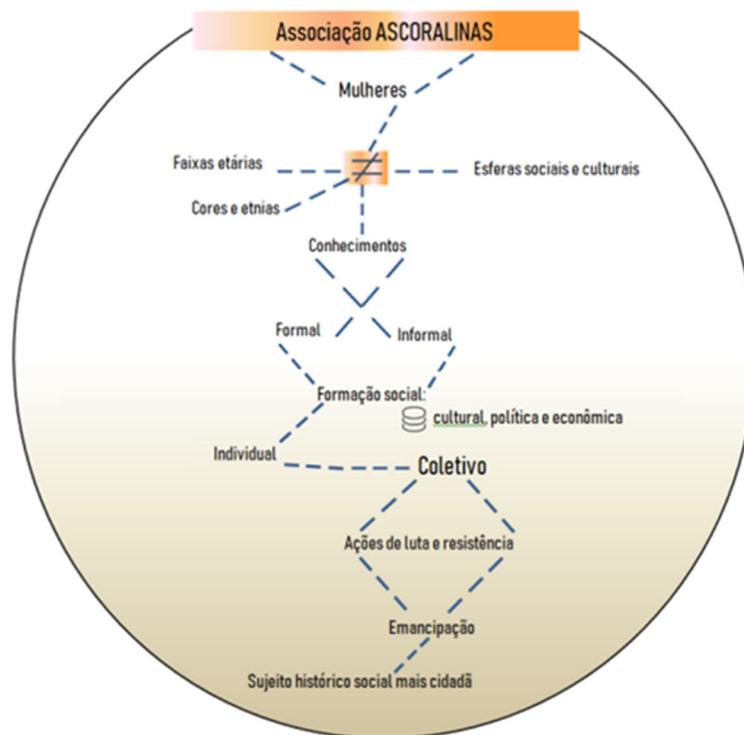
Enfrentar a pandemia foi um dos grandes desafios das Mulheres Coralinas que iniciavam-se no mundo do trabalho coletivo. Ou melhor, que começavam, o processo de “domínio público da existência”, conforme diz Torrão Filho (2004, p.131). Isso

²¹ ASSOCIAÇÃO Mulheres Coralinas. Ano impossível | A colheita real das Coralinas, YouTube, 22 de dez. de 2020 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MK40-o89dLo>. 2020. Acesso em 16 mai 2023.

considerando que a história das mulheres já não especificamente entorno de aspectos privados da casa ou da família.

Logo abaixo, há um círculo²² construído para representar algumas características das associadas e os objetivos dessa associação.

Figura 16 – Estrutura composicional e objetivos da Associação ASCORALINAS



Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

Como podemos notar, a associação ASCORALINAS é composta por mulheres de diferentes faixas etárias, cor e etnia. Elas veem de esferas culturais e sociais distintas, com conhecimentos formais e informais que se inter cruzam nesse grupo. Trata-se de uma associação que tem demonstrado coesão quando o assunto é a formação social com bases culturais, econômicas e políticas, pois compreendem que o conhecimento é necessário para a busca concreta dos direitos humanos. Nesse sentido, cada Coralina tem trazido para o coletivo suas subjetividades e se permitido transformar através do produto de seu trabalho e da ocupação dos espaços sociais. Portanto, à medida que as mulheres vão se solidarizando umas com as outras e com a sua própria situação, elas conquistam a

²² “Círculo” construído pela autora visando mostrar a estrutura composicional e objetivos da Associação ASCORALINAS, considerando a definição de Barker (2014) sobre os círculos sociais.

identidade de um coletivo em que cada uma tem se capacitado em “se reconhecer e ser reconhecida como integrante de uma mesma unidade” (ALONSO, 2009, p. 57).

Esse reconhecimento parte de uma relação construída também nas interações sociais. Tal premissa é levantada pelo autor ao dizer que a identidade é construída por meio da instauração do ser sujeito dentro de um grupo social, e, assim, a uma relação intrínseca entre a identidade social e a posição que o sujeito ocupa dentro da sociedade.

Retomando a *Figura 16*, vale destacar que a forma de apresentar os aspectos citados acima foi motivada pelos conceitos de redes e círculos sociais propostos por Barker (2014, p. 9). Sobre isso, o autor destaca que “assim como uma renda, redes de movimentos podem ter múltiplos padrões; elas consistem em diversos agrupamentos, organizações, indivíduos e assim por diante, entrelaçados de maneira variada em relações de cooperação...”. A partir desses pressupostos, observamos que os círculos sociais de um movimento determinam a relevância e o sucesso alcançados pelo coletivo.

2. OS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS RELAÇÕES DE TRABALHO: A MULHER EM FOCO

Neste capítulo, apresentamos o processo histórico de formação da cidade de Goiás, com o objetivo de compreender a figura da mulher na cultura vilaboense a partir da vida e do trabalho da poetisa Cora Coralina. Por esse viés, será elucidado o papel da mulher na sociedade brasileira e sua relação com o trabalho.

2.1 A cidade de Goiás e a poetisa Cora Coralina

A Cidade de Goiás está situada na região Centro-Oeste, em uma das 27 unidades da federação do Brasil, o estado de Goiás.

Figura 17– Mapas de localização da cidade de Goiás no Brasil e no estado de Goiás - GO



Fonte: A nossa geografia (2015) Disponível em: <http://profanirageo.blogspot.com/2015/11/mapas-mudos-dos-estados-do-brasil.html>. Acesso em 25/01/23.

A cidade de Goiás foi fundada ao redor do Rio Vermelho, aos pés da Serra Dourada e no coração do Brasil em 1727. Inicialmente foi Arraial de Sant’Anna, depois de alguns anos, passou à Vila Boa de Goiás e manteve-se como capital do Estado até 1934.

Goiás Velho, como é conhecida, é a amostragem de momentos fundamentais da história do Brasil, que foi a ocupação do interior do país. Além disso, a criação de Vila Boa contribuiu para a formação de outros centros urbanos. “Goiás foi a vila mais importante desse território isolado, atravessando, como o *status* de capital, a história da

Colônia, do Império e da República, até 1937”. (BRITTO; SEDA, 2009, p. 16, grifo dos autores).

Enquanto o Brasil foi tomado e colonizado, em especial na parte litorânea por portugueses, no Sertão de Goiás a ocupação se deu por paulistas brasileiros nativos. Desse modo,

Goiás nasceu, então, da audácia e do ímpeto de paulistas que transgrediam limites. Os limites haviam sido impostos em 1494 pelo Tratado de Tordesilhas, que dividiria o mundo entre portugueses e espanhóis.” O ímpeto colonizador vinha dos bandeirantes paulistas, que se aventuraram a oeste do meridiano em busca de nativos a escravizar e riquezas naturais. Encontraram os dois: ouro, diamante, esmeraldas, caiapós e carajás. (BRITTO; SEBA, 2009, p. 117).

Assim sendo, quando os desbravadores em Goiás chegaram, os índios Caiapós e os Carajás já habitavam a região. No entanto, há relatos de que a tribo “Kayapós” foi erroneamente chamada de Goiá ou Goyazes por Bartolomeu Filho. E foi essa tribo que serviu de inspiração para o nome estado de Goiás.

A Cidade de Goiás²³ nasceu do ciclo do ouro, durante o século XVIII, época da exploração dos bandeirantes em busca de índios e metais preciosos. Conta a história que Goiás originou-se do ludíbrio do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva que, ao chegar em terras desconhecidas, obrigou os nativos a falarem sobre a origem do ouro, caso contrário, incendiaria o rio. Por esse motivo Bartolomeu foi apelidado pelos índios como o Anhanguera²⁴.

Hoje, na Cidade de Goiás, ainda existe a cruz do Anhanguera. Ela foi levantada em 1722 por ele mesmo. A Cruz do Anhanguera faz referência à memória do início da colonização desse território.

De acordo com Britto e Seba (2009, p. 17) “os cronistas são unânimes em considerar que a primeira grande lavra de ouro foi encontrada em 1726 nos cascalhos do Rio Vermelho sob a Ponte do Meio, denominada, posteriormente, [...] da Lapa e,

²³ Ao conservar, ainda hoje, a arquitetura barroca e muitas tradições da época, Goiás é testemunho de um dos momentos importantes da história do Brasil: a ocupação do interior do Brasil. Por esse motivo, a antiga capital do estado homônimo de Goiás, foi reconhecida, em 2001, pela UNESCO, como sendo Patrimônio Histórico e Cultural Mundial. Fonte: CENTRO Histórico de Goiás (GO), **Iphan**, s/d. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/36>. Acesso em 31 out 2021.

²⁴ Anhanguera (em tupi, *añã'gwea*), diabo velho. Fonte: BARTOLOMEU Bueno da Silva (pai e filho), **educação.uol**, 2006. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/bartolomeu-bueno-da-silva-pai-e-filho.htm>? Acesso em 11 fev 2023.

atualmente, Cora Coralina.” A partir dessa descoberta, surge, então, a Casa da Ponte. Essa casa foi uma das primeiras construções da Cidade, onde também se inicia a descendência de Bartolomeu Bueno da Silva. Dentre estes, encontra-se Ana Lins dos Guimaraes Peixoto, Cora Coralina. Na *Figura 18* é possível observar a localização e as características da Casa da Ponte.

Figura 18 - Casa da Ponte, década de 1980, Goiás- GO²⁵



Fonte: Britto e Seda (2009, p. 25).

Mas quem foi Cora Coralina? Assim ela se define em versos:

Sou mulher como outra qualquer.

Venho do século passado
e trago comigo todas as idades.

Nasci numa rebaixa de serra
entre serras e morros.

“Longe de todos os lugares”.

Numa cidade de onde levaram
o ouro e deixaram as pedras.

[...]Venho do século passado.

Pertenço a uma geração
ponte, entre a libertação

²⁵ Inaugurado em 1989, o **Museu Casa de Cora Coralina** preserva na história as frases, os pensamentos, os poemas e as poesias dessa importante figura da literatura nacional. O espaço busca projetar, executar, colaborar e incentivar atividades culturais, artísticas, educacionais e filantrópicas. A proposta é valorizar a identidade sociocultural do povo goiano, além de preservar a memória e divulgar a sua obra.

Fonte: CONHECENDO Museus resgata a trajetória de Cora Coralina, a poetisa do cerrado, **EBC**, 2016. Disponível em: <https://www.ebc.com.br/sobre-a-ebc/noticias/2015/06/conhecendo-museus-resgata-a-trajetoria-de-cora-coralina-a-poetisa-do>. Acesso em 19 mai 2023.

dos escravos e o trabalhador livre.

Entre a monarquia
caída e a república
que se instalava.

[...] (CORA CORALINA, 2013, p.81)

Como podemos notar, a história de vida da poetisa Cora Coralina está entrelaçada a história da Cidade de Goiás. Os textos da poetisa são produzidos a partir de suas memórias: “escreve sobre ela mesma, sobre seus mundos e os outros de seu tempo, deserdados da sorte” (BRITTO; SEDA, 2009, p. 4) e, constantemente, essas histórias se entrecruzam com capítulos fundamentais da história da região goiana.

Por causa da pobreza e desinteresse da família, Cora fez apenas o curso primário. Teve que largar os estudos e ir morar na fazenda Paraíso, onde também encontrou inspiração para a sua arte. Segundo Britto e Seda (2009, p. 57), “Paraíso era uma metonímia para designar uma imensa região e o conjunto de fazendas, propriedades da família Couto Brandão”. Ainda para os autores, a arte mnemônica de Cora Coralina é herança de duas velhas matriarcas:

[...] parece ter recebido de Mãe Didi uma capacidade de fabulação, de criação, sem o que não há arte. Mas é herdeira, sobretudo, da memória da bisavó, de seu ‘fôlego de cronista’. (...) É presenciar um tempo perdido que, muita vez, remonta uma época anterior à vivida pela poeta. Isso porque a autora não poetisa apenas o que ela viveu ou aprendeu na observação diária, mas também o ‘revelho’ o que ouviu contar”. Anna Lins recebeu algo mais que os temas que irrigaram a sua arte, herdou a linguagem (BRITTO; SEDA, 2009, p. 56, grifo dos autores).

É essa linguagem, reconfigurada aos moldes coralineanos, que reflete a história, os costumes, as crenças, os valores, enfim, a cultura do povo goiano e serviu de inspiração para o projeto Mulheres Coralinas e, posteriormente, para a associação ASCORALINAS. Afinal:

já no próprio título do projeto anunciava sua fonte de inspiração: Cora Coralina. A maior poetisa goiana oferece a força e a expressividade de seu nome, de seu paradigma de vida e de sua poética para batizar um projeto que, ao ofertar para um grupo de mulheres capacitação em setores produtivos, como artesanato e gastronomia, além do processo de formação cultural, objetivou ser o alavancador da autonomia intelectual e da emancipação cidadã. (SIQUEIRA e CAMARGO, 2016, p. 17)

A contextualização histórica justifica, preliminarmente, o porquê da escolha do *corpus ASCORALINAS* para investigação das mudanças que essa associação ocasionou na vida das mulheres vilaboenses. Além disso, consideramos, também, o fato de que o ser mulher é historicamente oprimido pelo fato de ser mulher e vista muitas vezes inferior ao homem. E, para reforçar a especificidade proposta desde o projeto inicial de formação para as Mulheres Coralinas, a Secretária Especial de Políticas para as Mulheres nessa época, Eleonora Minecucci (2016) destaca:

A poetisa Cora Coralina, conhecida como a autora dos versos que representam um pouco da história da Cidade de Goiás, deixou seu legado profundamente enraizado nos obstáculos que as mulheres necessitam superar em sua vida cotidiana. E soube fazer, de forma exemplar, a relação entre a cultura, os saberes locais e a necessidade de produzir para sua subsistência. (2016, p. 15)

Neste sentido, salientamos que essa escolha também se justifica porque as várias atividades da poetisa partem da necessidade de sobrevivência e dos anseios artísticos da visão de uma mulher à frente de seu tempo – agricultora, comerciante, doceira e escritora – Cora expressou, em sua obra, os sentimentos provenientes de suas vivências, especialmente, às relacionadas ao trabalho.

Por outro lado, a poetisa foi um exemplo de mulher que lutava para sobreviver, assim como, por emancipação social e cultural, que, conforme ilustra a *Figura 19*, dentre seis personalidades que representaram na literatura a cultura e as tradições vilaboenses está o nome de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas.

Figura 19 – Nomes que se destacaram na literatura a partir da cultura, tradições e artes de Goiás-GO.

- Antônio Felix de Bulhões Jardim (1845 – 1887);
- Joaquim Bonifácio G. de Siqueira (1883 – 1923);
- Hugo de Carvalho Ramos (1895 – 1921);
- Luiz do Couto (1888 – 1948);
- Euler de Amorim (1916 – 2008);
- Cora Coralina (Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas) (1889 – 1985), nome bastante conhecido na mídia, que levou e ainda leva o nome de nossa cidade a todos os cantos do País.

Fonte: Britto e Seda (2009, p. 396).

Nessa figura, pode-se observar que, dentre os nomes de escritores apresentados, Cora Coralina é a única mulher. Talvez por isso ela tenha sido considerada uma mulher “além do seu tempo” e é essa característica que inspirou as mulheres coralinas.

2.1.1 A visão sobre a mulher nas manifestações culturais da Cidade de Goiás

Para a melhor compreensão sobre a figura feminina no contexto vilaboense nos últimos anos, retomaremos primeiramente algumas tradições e manifestações culturais da Cidade de Goiás. Essas manifestações, muitas vezes, reelaboradas pela OVAT (Organização Vilaboense de Artes e Tradições) desde 1965, ainda deixam a figura da mulher em segundo plano.

Outrossim, observa-se que há vários estudiosos de diferentes áreas do conhecimento envolvidos com pesquisas que contemplam as tradições vilaboenses e goianas. No entanto, “ainda que existam investigações sobre o assunto, na cidade de Goiás ou em outras cidades do Estado, pouco se questionou sobre os vazios, os espaços em branco e os silêncios das mulheres presentes na fabricação e na (re)invenção dessas tradições.” (PRADO, 2015. p. 158). Ainda como salienta o escritor, a sociedade vilaboense utilizou-se de discursos e da dominação simbólica durante séculos para impedir que as mulheres participassem das procissões noturnas. Em estudos mais aprofundados Clóvis Britto (2011) *apud* Prado (2015, p.159) encontrou “projetos que insistiam na proibição da participação feminina em manifestações do catolicismo popular, talvez numa tentativa de produzir a crença das tradições genuinamente autênticas.” Ou seja, era uma forma de manter a tradição cultural de uma época em que a dominação masculina prevalecia na sociedade vilaboense.

Uma das grandes manifestações culturais que acontece na Cidade de Goiás é a Procissão do Fogaréu. Essa procissão nunca teve uma integrante feminina entre os farricocos e, como justificativas, tem-se o fato de as tochas serem pesadas, de eles caminharem descalço pelas ruas de pedras numa velocidade mais acelerada, por ficarem em certos pontos muito tempo parados em pé e com a roupa que esquenta muito.

Desse modo, mesmo já sabendo que a OVAT (re)inventou e modernizou as tradições de Vila Boa, é evidente a manutenção dos formatos dos séculos XVIII e XIX

“quando as mulheres eram impedidas de tomarem seus lugares no espaço público” Clóvis Britto (2009) *apud* Prado (2015, p.160). Trata-se de uma violência simbólica²⁶ de gênero.

2.2 Movimentos sociais e as relações de trabalho da mulher: uma questão de gênero

Hoje, estamos no século XXI, momento em que a mulher já realizou grandes conquistas, entretanto, infelizmente, ainda há violência de gênero. No contexto das Mulheres Coralinas fica evidente, tanto nos discursos, quanto nas atitudes delas, o quanto essa violência esteve e ainda está presente, no sentido de a figura masculina da família tentar deixá-las silenciadas em seus lares. Com relação a isso, o escritor ainda diz que

[o] silêncio feminino em Goiás sempre veio acompanhado de táticas, resistências e técnicas que frustravam os efeitos da dominação masculina. Uma vez impedidas de socializarem-se publicamente, as mulheres eram obrigadas a subjugar-se ao ambiente privado. Restava-lhes desta forma, “participar dos cultos diurnos, das celebrações no interior dos templos [observando] os préstitos pelas [frestas das] janelas” como faziam as mulheres descritas por Cora Coralina e que viam “pela tabuleta riçada e graduada[...] sem se mostrar [...] a rua, os passantes, as casas fronteiriças e, dentro de certo ângulo, observavam os acontecimentos da cidade (PRADO, 2015, p. 161)

Ou seja, as mulheres preferiam “se apagar”, viver nas sombras, para exercer algum poder, mesmo que na organização, nos bastidores, ao invés de se verem sem fazer algo.

É possível perceber que, ao longo da história, muitas mulheres guardaram e ainda guardam a memória e a tradição vilaboense. Nessa perspectiva, ao analisarmos, atualmente, os movimentos envolvendo a mulher, é possível observar que muitos deles assumem uma postura feminista. No entanto, a associação de mulheres em estudo não assume essa característica. De qualquer maneira, quando se propõe pesquisa e reflexões sobre a mulher, é importante relacioná-los ao campo político²⁷, pois os estudos sobre o tema mulher nasceu de movimentos do Brasil, bem como, de outros países. A esse respeito, Hollanda (2019, p. 126) destaca

²⁶ O conceito de violência simbólica foi criada pelo pensador francês Pierre Bourdieu, para descrever o processo pelo qual a classe que domina economicamente impõe sua cultura aos dominados. BOURDIER, Pierre, **Studocu**, s/d. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-candido-mendes/introducao-a-sociologia/pierre-bourdier-violencia-simbolica/4516039> Acessado em 25 jan. 2023

²⁷ Político porque, considerando a visão da escritora Hanna Ahend, é uma ação em conjunto, há a necessidade do outro, da convivência entre a diversidade.

[o]s últimos anos da década de 1970 registraram uma considerável mobilização por parte das mulheres brasileiras, que passaram a atuar em vários tipos de organizações que, de maneiras diferentes, visavam contribuir para modificar o acesso a recursos e às relações de poder entre os sexos.

Esse cenário dialoga com ASCORALINAS, uma vez que essa associação, como coletivo, nasceu e tem se desenvolvido a partir de problemas inerentes à condição social e econômica de mulheres no que diz respeito à produção e distribuição de bens e serviços, bem como a violência doméstica sofrida por muitas delas.

Considerando o papel da mulher no meio social, Joan Scott (1995) discorre a propósito do desafio que é analisar as relações de experiências vividas pelo masculino e feminino no passado, bem como, compreender a história do passado e como essas estão ligadas às práticas da atualidade. Há aspectos sobre o estudo de gênero que coloca mulheres e homens numa mesma esfera, enquanto outros defendem que “estudar as mulheres de forma separada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tem muito pouco ou nada a ver com o outro sexo.” (SCOTT, 1995, p. 7).

No meio social das mulheres vilaboenses percebe-se a concepção de gênero que é

utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. (SCOTT, 1995, p. 7)

Decorrente das relações sociais, tanto homens, quanto mulheres criam, por meio de ações próprias, certos padrões sociais pré-estabelecidos. Dessa forma, a superioridade masculina é resultado de condutas e comportamentos criados socialmente.

Neste âmbito, as mulheres Coralinas têm tentado (re)construir novas perspectivas de vida em sociedade por meio do trabalho, uma vez que, a maioria, foi criada em ambientes nos quais o papel da mulher era desenvolver afazeres domésticos e cuidar dos filhos.

O trabalho é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e resultante declínio estão ligados às necessidades vitais produzidas e fornecidas ao processo vital pelo trabalho. A condição humana do trabalho é a própria vida. (ARENDETT, 2020, p. 9)

E se o trabalho pode ser visto como necessidade vital advinda de um processo biológico, como impedir que uma pessoa desenvolva certas atividades por uma questão de gênero?

Algumas dessas amarras vividas pelas mulheres já fizeram parte da vida da poetisa Coralina, por isso, a vida e obra de Cora Coralina foram os nós da trama dos vários fios constituintes dos conhecimentos reunidos pela associação, assim como o recorte de gênero feito pelo projeto Mulheres Coralinas e a associação ASCORALINAS, uma vez que foi pensado exclusivamente para mulheres e movido pela vida e o trabalho de uma mulher icônica da cidade de Goiás, que é, ao mesmo tempo, representação de luta e de resistência. Portanto, uma breve reflexão sobre a problemática de gênero precisa ser abordada. Nesse sentido, é necessário compreender o Feminismo

[...] em um sentido mais amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, por iniciativa individual ou de um grupo. (HOLLANDA, 2019, p. 26).

A partir desse ponto de vista, retomamos questões a respeito da condição do ser mulher numa sociedade predominantemente construída sob paradigmas masculinos. Tais modelos a serem seguidos estão presentes na vida dessas mulheres, desde a linguagem que reforça a perspectiva falocêntrica²⁸ até a violência física. Como o projeto Mulheres Coralinas conscientizou as participantes a assumirem sua condição feminina e a defenderem seu lugar no meio social – um lugar de trabalho e luta constante – que elevam sua autoestima, as apoiam a barrar agressões de qualquer natureza, essa é uma das reflexões que tem sido feitas.

Desse modo, cabe, neste ponto, um recorte histórico dos “momentos do feminismo” abordados por Hollanda (2019) e, também, da sua historicidade ao longo dos tempos visando entender a “superioridade masculina como herança cultural portuguesa” e que as lutas vão além de bandeiras determinadas.

Um dos resultados das bandeiras feministas levantadas, e talvez o mais importante, é a emancipação social, econômica e cultural, este tema foi abordado por Boaventura de Souza Santos (2011) como sendo um novo conhecimento que visa romper com a produção capitalista. Primeiramente, Santos (2011, p.109) diz que para haver um

²⁸ Que acredita ser o homem superior; centrado na superioridade masculina em detrimento dos demais indivíduos. DICIO, **Dicionário Online de Português**. s/d. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/falocentrico/>. Acessado em 25 jan. 2023.

conhecimento emancipatório, este “deve traduzir-se em autoconhecimento.” Assim como “Não pode haver emancipação sem uma tópica de emancipação.” Neste sentido, o sociólogo cita como exemplo: “...a substituição, no espaço doméstico, de uma tópica patriarcal por uma tópica da libertação da mulher.” (SANTOS, 2011, p. 110).

No contexto da ASCORALINAS, é possível perceber que muitas das associadas já têm rompido com esse espaço patriarcal de suas origens, esse rompimento tem se dado a partir do momento em que tomaram conhecimento dos seus direitos e começaram a compreender a emancipação feminina, como igualdade de gênero, no que diz respeito, especialmente, a independência financeira e a social.

Tudo isso tem sido viável justamente pelo fato das Mulheres que compõem a associação ASCORALINAS terem, no espaço de produção de conhecimento e formação, disciplinas que encaminham para uma formação humana e cultural, para além da mera técnica de aprender ou aprimorar um ofício.

Quando se refere à cultura, é sabido que a visão que se tem sobre o papel da mulher varia de uma cultura para outra, o que revela que a divisão do trabalho entre gêneros é definida culturalmente e não se trata de um determinismo biológico, como afirma Laraia (1986, p. 19). Neste sentido, a primeira reflexão a ser realizada é referente a capacidade física e intelectual da mulher. Pois como define o mesmo autor:

O transporte de água para a aldeia é uma atividade feminina no Xingu (como nas favelas cariocas). Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável, muito maior que o necessário para o manejo de um arco, arma exclusiva de uso dos homens. Até muito pouco tempo, a carreira diplomática, o quadro de funcionários do Banco do Brasil, entre outros exemplos, eram atividades exclusivamente masculinas. O exército de Israel demonstrou que a sua eficiência bélica continua intacta, mesmo depois da maciça admissão de mulheres soldados. (LARAIA, 1986, p. 19)

Por conseguinte, a formação cultural consiste, primeiramente, no conhecimento dos diferentes conceitos de cultura e de como os traços culturais de uma sociedade podem interferir na vida humana.

Essa interação disciplinar promove a visão reflexiva do mundo e que, desse modo, pode afetar as mulheres, subjetivamente, permitindo-lhes encontrar o seu papel e lugar na sociedade, tudo isso se interliga e interfere na construção do autoconhecimento e na formação humana.

Em suma, as conquistas das mulheres ocorreram de forma gradativa e podem ser divididas em momentos, como diz Hollanda (2019). Assim, num terceiro momento, como marco do início do século XX, as mulheres:

clamam alto pelo direito ao voto, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho, pois queriam não apenas ser professoras, mas também trabalhar no comércio, nas repartições, nos hospitais e indústrias. (HOLLANDA, 2019, p. 35).

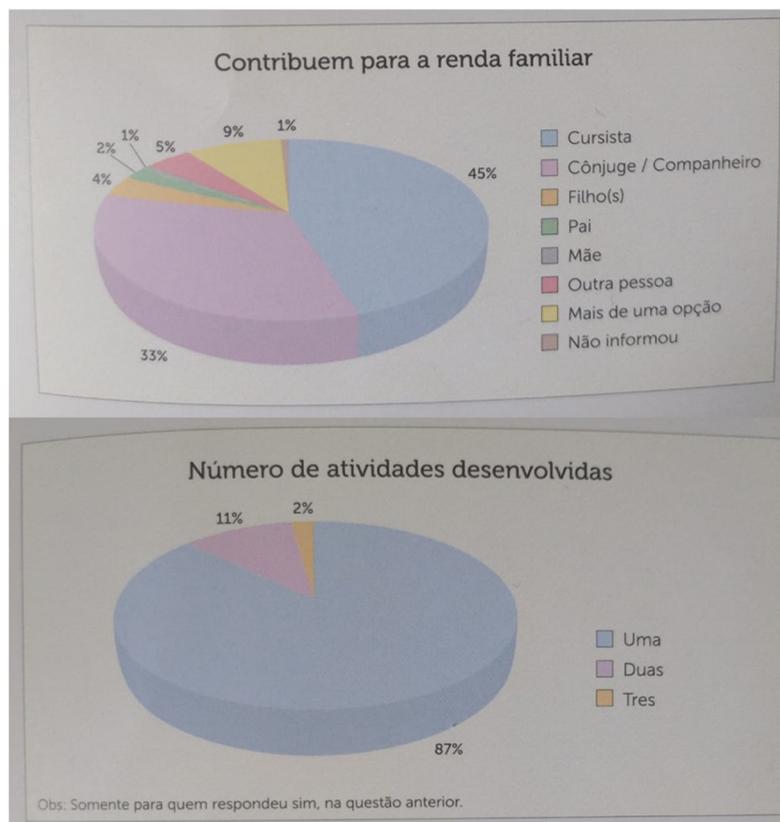
Vale mencionar que para conseguir serem professoras, as mulheres receberam muitas críticas, “pois, para alguns, entregar o papel de educar as crianças às mulheres parecia ser uma atitude insensata”. (MÜLLER; BESING, 2018, p. 31). E, mesmo ocupando o espaço na educação, as funções de maior “prestígio” ficavam para os homens.

Na medida em que as mulheres foram adquirindo conhecimentos, elas conquistaram espaços na sociedade e a cada aquisição havia a busca por mais igualdade de gênero. Desse modo, já não aceitavam mais somente o trabalho ao ensino nas salas de aula e/ou voltado à área doméstica. Todavia, ainda hoje, no século XXI, a mulher é vista por muitos como um ser que deve cuidar dos afazeres domésticos, do marido e da educação dos filhos.

No contexto das Mulheres Coralinas foi realizado na época do projeto um perfil socioeconômico geral das cursistas considerando os seguintes aspectos:

- Faixa etária
- Cor/Etnia
- Estado civil
- Escolaridade
- Domicílio
- Vínculo familiar com moradores
- Número de moradores da casa
- Número de atividades desenvolvidas
- Profissionalmente ativa
- Renda mensal
- Contribuem para a renda familiar

Desses aspectos foram selecionados dois para ilustrar como era a situação econômica das Mulheres Coralinas



Fonte: (SIQUEIRA e CAMARGO, 2016, p. 194-195)

Os gráficos mostram a realidade de algumas das mulheres atualmente. Eles revelam o que Jean Anyon (1990) citada por Hollanda (2019, p. 152-153) denomina de “ambiguidade feminina.” Que é a situação de mulheres que buscam, por meio do trabalho, mudar a realidade econômica, social e cultural da família, mas que precisam conciliar o trabalho doméstico, ficando assim “em trânsito nos domínios do público e do privado.” Neste sentido, a autora ainda discorre sobre:

[a] acomodação/resistência acaba por amarrar a mulher nas contradições contra as quais ela se debate. Trata-se, pois, a seu ver, de verdadeira armadilha, uma vez que não ataca as estruturas responsáveis pelas contradições sociais, só passíveis de destruição pela ação coletiva. (HOLLANDA, 2019, p. 153)

O que para ela é o fato de as mulheres na luta por equidade de gênero, ao se deparar com situações adversas, ora reage com aceitação, ora com a negação. Logo, reitera-se o pressuposto de que será no coletivo que o indivíduo se constituirá como sujeito – histórico e social.

3. ANÁLISE DOCUMENTAL SOBRE ASCORALINAS

Este capítulo aborda os caminhos metodológicos percorridos no desenvolvimento desta pesquisa. Desse modo, apresentamos o tipo ou natureza da pesquisa, a descrição da pesquisa, os procedimentos de análise, bem como, os procedimentos utilizados para a análise dos dados que encerram o tópico.

Michel Thiollent (2021, p.12) define o método como o caminho prático de investigação, e ressalta sua importância para confiabilidade das informações coletadas.

Conforme Pedro Demo (2011, p. 10) há diferença entre conhecimento e aprendizagem, sendo *conhecimento* o processo analítico “dedicado a decompor a realidade para poder explicá-la” e *aprendizagem* o processo desconstrutivo/reconstrutivo “marcado por autoria e autonomia”. Assim o incentivo à autoria e a autonomia no processo de aprendizagem é o que Pedro Demo denomina de *Educar pela Pesquisa*.

Consideramos, neste trabalho, que o processo de pesquisa, de acordo com Merriam (1998), citado por Teixeira (2003, p. 182), não é um procedimento linear de busca literária, de estruturação teórica e identificação do problema, mas sim um processo interativo de inúmeras idas e vindas inerentes ao percurso de uma investigação científica.

3.1 Tipo ou Natureza da Pesquisa

Christian Laville e Jean Dionne (1999, p. 43), ensinam, ao tratar de métodos qualitativos e quantitativos, que é essencial que “a escolha da abordagem esteja a serviço do objeto da pesquisa, e não o contrário, com o objetivo de daí tirar, o melhor possível, os saberes desejados”

Esta pesquisa caracteriza-se como *qualitativa* quanto á abordagem, *natureza descritiva*, quanto aos objetivos. *Qualitativa* porque abarca um conjunto de estratégias para analisar a associação ASCORALINAS, os caminhos percorridos pelas mulheres até chegar a esse coletivo e como o trabalho desenvolvido na associação mudou seus modos de vida. A pesquisa é *descritiva* por apresentar o fenômeno estudado, descrever suas características a partir “de informações acumuladas sobre o tema investigado” (PAIVA, 2019, p. 14). Ressaltamos que escolhemos a abordagem qualitativa por ser mais adequada aos objetivos do nosso processo investigativo.

A abordagem qualitativa considera o contexto em que o objeto de pesquisa está inserido e as características sociais que o circundam, ou seja, “a pesquisa qualitativa

procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34). Por isso, as investigações qualitativas são capazes de responder à necessidade de compreender em profundidade alguns fenômenos.

Desse modo, Merriam (1998, p.186) reitera que os métodos qualitativos são mais indicados para as investigações de perspectiva interpretativa ou crítica. A pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.

Partindo dos pressupostos de Flick (2009, p. 16), a pesquisa social tem um significado importante nos tempos atuais, uma vez que seus resultados contribuem com o desenvolvimento da sociedade e a criação, implantação, aperfeiçoamento e monitoramento das políticas públicas e sociais. As questões que perpassam a pesquisa social são de interesse da esfera pública e privada, e de âmbito local e global. Além disso, as ciências humanas e sociais compõem o campo científico mais propício para o desenvolvimento das pesquisas sociais.

Assim sendo, para Chizzotti (2018, p. 116), nas pesquisas sociais, encontramos estudos que valorizam a estabilidade e constância dos fenômenos sociais como aquelas que valorizam a complexidade, as contradições, a originalidade e imprevisibilidade dos fenômenos humanos. Ao investigar os aspectos qualitativos dos fenômenos sociais, essas pesquisas evidenciam a complexidade da vida humana e abarcam significados, comumente ignorados, das interações sociais

É possível notar, assim, que a pesquisa com abordagem qualitativa dialoga com a pesquisa social. Para Robert K. Yun (2016, p. 7), uma pesquisa qualitativa tem como objeto os acontecimentos da vida real, e são cinco as características que definirão o caráter qualitativo de um estudo:

1. Estudar o significado da vida das pessoas, nas condições de vida real;
2. Representar as opiniões e perspectivas das pessoas participantes do estudo;
3. Abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem;
4. Contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social e humano;
5. esforçar-se para usar múltiplas fontes de evidência em vez de se basear em apenas uma única fonte.

Os pesquisadores qualitativos suspendem, colocam em parênteses suas próprias crenças, perspectivas e proposições, o que constitui a denominada *epoché* (“paragem”, “interrupção” ou “suspensão de juízo”) permitindo assim uma descrição do fenômeno em toda sua pureza e a valorização de múltiplas visões de mundo.

Prodanov e Freitas (2013, p. 35), discutindo sobre pesquisa descritiva, enfatizam que esse tipo de investigação “exige do investigador uma série de informação sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de uma determinada realidade”. Desse modo, o foco dessa pesquisa é a descrição de um movimento social institucional que objetiva capacitar mulheres e seu desdobramento em um novo movimento associativista que é uma associação de mulheres. A referida pesquisa abre espaço para refletirmos sobre as relações estabelecidas entre o trabalho desenvolvido pelo coletivo de mulheres da ASCORALINAS e a mudança de suas vidas. Assim sendo, de posse dos dados levantados, resta-nos analisá-los e interpretá-los, para deles tirar conclusões, verificando se a hipótese se comprova e o que eventualmente precisa ser aperfeiçoado num novo ciclo de pesquisa.

3.2 Descrição da Pesquisa

A priori, reunimos os documentos físicos e digitais de criação do projeto Mulheres Coralinas, bem como, da associação ASCORALINAS, como por exemplo, o projeto inicial, a programação de capacitações, a ata de fundação da associação, o estatuto, regimento interno, atas de assembleias e vídeos com o desenvolvimento de diferentes trabalhos e depoimentos das associadas. Em seguida, iniciou-se o embasamento teórico por meio das referências levantadas juntamente com a orientadora.

Conforme Cervo (2007): “a pesquisa bibliográfica é meio de formação por excelência e constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema”. Assim,

A pesquisa bibliográfica deve ser somada, necessariamente, a todo e qualquer outro tipo de pesquisa ou trabalho científico, constituindo uma base teórica para o desenvolvimento de todo trabalho de investigação em ciência (FONSECA, 2009, p.21).

3.3 Procedimentos de análise de dados

A análise dos dados é um processo que envolve muitas etapas e se inicia no momento da coleta, pois à medida que coletamos os dados vamos construindo interpretações e estabelecendo relações. A interpretação dos dados é uma etapa determinante da pesquisa que nos permite a apresentação de respostas para as questões investigadas. Por fim, é preciso estar claro que a análise deve atender os objetivos da pesquisa, visando comparar e confrontar dados e provas para confirmar ou rejeitar os pressupostos da pesquisa. Gil (2008, p. 33) afirma que “a análise e a interpretação se desenvolvem a partir das evidências observadas, de acordo com a metodologia, com relações feitas através do referencial teórico e complementadas com o posicionamento do pesquisador”.

Para complementar Teixeira (2003, p. 192, destaca que:

A análise de dados é o processo de formação de sentido além dos dados, e esta formação se dá consolidando, limitando e interpretando o que as pessoas disseram e o que o pesquisador viu e leu, isto é, o processo de formação de significado. A análise dos dados é um processo complexo que envolve retrocessos entre dados pouco concretos e conceitos abstratos.

Portanto, as pesquisas qualitativas giram entorno de muitos dados que necessitam ser compreendidos e organizados, procurando, como ainda diz o autor acima, “identificar dimensões, categorias, tendências, padrões, relações, desvendando-lhes o significado.”

E os objetivos da investigação qualitativa somente são contraídos com a coleta, o tratamento e, posteriormente, com a interpretação dos dados.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 168) a análise e interpretação dos dados é o núcleo central da pesquisa. Por isso, na análise inicial dos dados, foi realizada uma coleta dos documentos de fundação e da vida da Associação, como:

- Atas das Assembleias;
- Estatuto;
- Regimento interno;
- Vídeos e fotografias das ações das associadas.

Para além disso, foi realizada a seleção bibliográfica dos autores que norteiam a pesquisa, entre eles:

- Siqueira e Camargo (2016) por traçarem a trajetória das Mulheres Coralinas, desde a idealização do projeto até a fundação da Associação;
- Alonso (2009), Barker (2014) por fundamentarem os estudos da História e da Sociologia;
- Gohn (2015), Scherer-Warren (1987) e Touraine (2006) por analisarem a teoria dos movimentos sociais e os desdobramentos desses ao longo da história.
- Tiriba (2015), Marx (2009), Harvey (2016) e Teles e Caldas (2019) por elucidarem sobre as relações de trabalho.
- Santos (2011) e Scott (2017) por aclarar sobre gênero;
- Cora Coralina (2013, 2014) por ser fonte de inspiração para o projeto e para a associação.
- Passos (2018), Palacín (1975), por falar da cidade onde está situada a associação;

Feito isso, analisamos cada um dos documentos selecionados entrecruzando com as referências bibliográficas trabalhadas, a fim de responder aos questionamentos propostos para realização do estudo.

4. DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos os resultados obtidos a partir de todo o estudo teórico, prático e a pesquisa envolta da Associação ASCORALINAS. Discutimos as determinadas atividades desenvolvidas pelas Mulheres Coralinas, entre os anos de 2016 e 2022, e o resultado de algumas para o fortalecimento desse coletivo de mulheres.

4.1 Análise de dados: Concepção, Princípios e Desafios do trabalho coletivo

A associação ASCORALINAS foi concebida a partir de um projeto pensado, financiado e executado por mulheres de diferentes frentes políticas. Esse projeto, Mulheres Coralinas, pode ser denominado como um movimento social dentro das suas novas concepções, considerando dentre todos os aspectos já citados, o fato de ter apresentado um caráter educativo. Diante disso, é relevante compreender tal premissa que, segundo Siqueira (2018, p. 147):

em primeiro lugar, temos clareza de que a cultura da escrita não é a única nem a mais importante em uma sociedade. Essas mulheres que não sabem ler no sentido que implica a decodificação de códigos, que não passaram pelo processo da alfabetização, sabem, com toda certeza, ler o mundo que está ao redor de todas elas, inclusive para que se mantenham vivas.

As mulheres que aceitaram o desafio de se associarem traziam esse conhecimento de mundo, pois revelavam nas falas e nas atitudes, o desejo de continuarem trabalhando pela emancipação econômica e social na busca pela equidade de direitos. Assim, elas cumpriam um dos mais importantes princípios do associativismo que é se integrar a um coletivo de livre e espontânea vontade. Pensando nisso, foi criada a associação e no seu primeiro documento, o Estatuto, no artigo 1º:

A associação Mulheres Coralinas, também, designada pela sigla ASCORALINAS, fundada no dia 19 de maio de 2016, é pessoa jurídica de Direito Privado, constituída na forma de entidade civil de fins não econômicos, com autonomia administrativa e financeira e será regida de acordo com as regras do presente Estatuto e da legislação civil aplicável à espécie. (2016, p. 01)

Desse modo, desde a assembleia de fundação que esse movimento se reuniu para deliberar suas ações, ele passou a fazer parte do contexto das Mulheres Coralinas. Em sua

composição, pensando na autonomia administrativa prevista no Estatuto, a associação ASCORALINAS possui uma diretoria com presidenta, secretária executiva, tesoureira, conselheiras e suas respectivas vices. As mulheres da diretoria são associadas e nomeadas de forma democrática pelo voto das demais associadas desse coletivo.

Vale mencionar ainda que, todas as mulheres que compõem a associação são contribuintes com um valor mensal estipulado pelo coletivo e com reajuste a cada 2 anos. Há a porcentagem dos produtos vendidos na loja que é destinada às demandas da associação no que compreende as despesas com água, energia e impostos. Além disso, as mulheres possuem certas obrigações, como a participação nas escalas de trabalho na loja física, das feiras e atenderem as demandas que surgirem. Esse recolhimento contribui para que elas possam usufruir dos direitos proporcionados pela associação, inclusive o direito de deliberar ou votar em reuniões. Essa condição fica clara no § 2º do Art. 7º do Estatuto das Mulheres Coralinas.

Entretanto, por vezes, se fez importante chamar a reuniões, registradas em atas, para discutir sobre as escalas de permanência na loja, assim como, para contribuir com demandas extras. As justificativas em geral são desde outros afazeres, inclusive domésticos como cuidar dos netos, até não atender por acreditar que tem companheiras que poderiam contribuir mais com o trabalho já que se trata de uma associação.

Desse modo, podemos notar que no interior da associação pode haver contradições ao proposto para o trabalho coletivo. Uma hipótese que justifica é o fato de a identidade de interesses individuais estar ainda sobressaindo a coletiva.

No artigo 2º, inciso V do mesmo Estatuto são destacadas algumas das finalidades da associação.

desenvolver ações, programas ou projetos de desenvolvimento econômico, social, cultural, ambiental e educativo que visem ao exercício da cidadania, ao fortalecimento de práticas de economia solidária e à promoção da qualidade de vida de suas associadas, das comunidades onde estão inseridas e da população de baixa renda; (2016, p.01)

No entanto, o alcance de tais objetivos reitera os compromissos das associadas, uma vez que depende do desempenho de cada uma para obter êxito. Novamente

retomemos o exercício da cidadania e as práticas de economia solidária²⁹, mas agora como eixos condutores das finalidades da associação em estudo.

A associação das Mulheres Coralinas, como já mencionado, tem se dedicado a formação de mulheres em áreas do artesanato e da gastronomia. Nos anos de existência, aqui contados de 2016 a 2022, conseguiu promover e executar ações com diferentes parceiros. Assim, com a parceira das universidades, da cidade de Goiás, realizou dois seminários.

Em parceria com a Organização Mundial do Trabalho (OIT) e Ministério Público do Trabalho (MPT-GO), elaborou e executou dois projetos com foco na formação e na geração de renda para mulheres em situação de vulnerabilidade.

Em parceria com o Município já desenvolveu vários cursos, rodas de conversas, tertúlias, palestras entre outras atividades.

Em parceria com os Museus de Arte Sacra e das Bandeiras já realizou exposições e cursos.

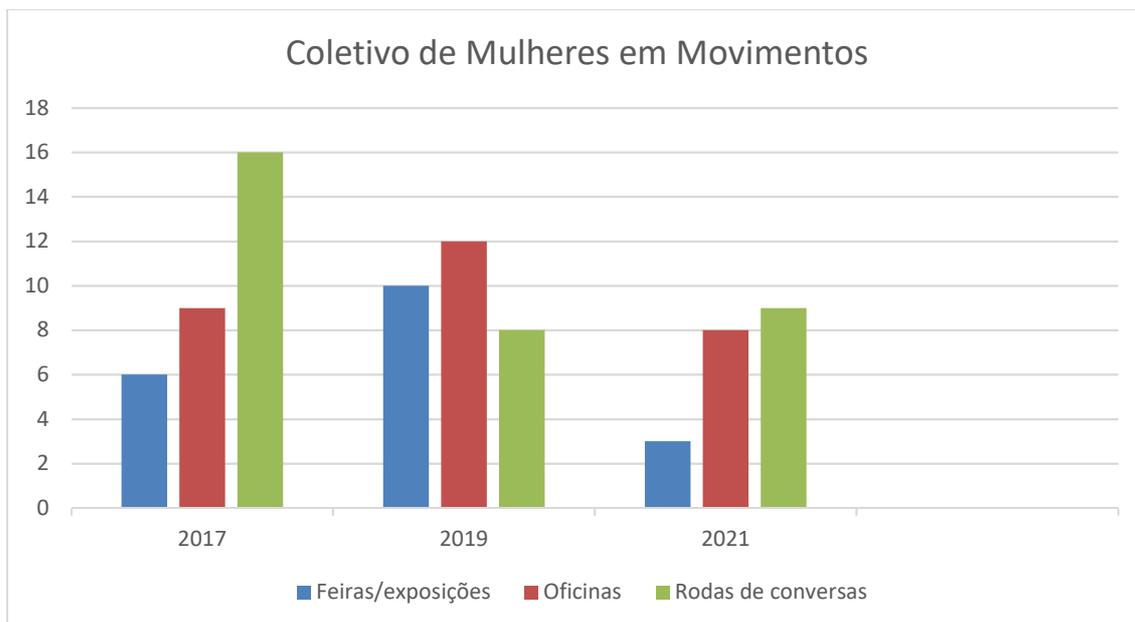
Como projeto de extensão vinculado à Universidade Estadual de Goiás (UEG), a Associação criou um grupo de vocalizadoras de poemas que participam de eventos locais e em outras cidades do Estado.

E, em parceria com a Fundação Banco do Brasil e Instituto Brasileiro de Cidadania-IBRACI, cadastrou e distribuiu 70 cestas solidárias para famílias de baixa renda durante a pandemia.

A partir do gráfico a seguir é possível visualizar estatísticas, com números aproximados, de certas ações realizadas nos anos de 2017, 2019 e 2021 pelas Mulheres Coralinas.

²⁹ A ampla divulgação do tema da economia solidária tem suscitado diversas controvérsias e indagações. O próprio termo já apresenta inúmeros sinônimos para a definição do mesmo fenômeno, tais como: economia solidária, economia popular, economia do trabalho, economia popular e solidária e socioeconomia solidária. Todos estes sinônimos retratam experiências baseadas na organização cooperativa ou associativa, de caráter democrático e fundamentada no princípio da solidariedade. Fonte: TEIXEIRA, Luíza Reis. Teorias e práticas da economia solidária: empreendimentos no Brasil e na Bahia, In: NESOL, **V Encontro Internacional de Economia Solidária: “O Discurso e a Prática da Economia Solidária”**, 2008. Disponível em <http://sites.poli.usp.br/p/augusto.neiva/nesol/Publicacoes/V%20Encontro/Artigos/Educa%C3%A7%C3%A3o/EPES-08.pdf> Acesso em 21 maio 2023

Gráfico 01- Coletivo de Mulheres em movimento



Fonte: Os dados foram calculados pela autora a partir das atas de reuniões, assembleias, bem como de atividades disponíveis nas redes sociais da associação Mulheres Coralinas.

A representação acima elucidada, em linhas gerais, como a Associação vinha se desenvolvendo em atividades pontuais e como foram essas ações em um dos anos de pandemia da COVID-19. Nota-se que, de 2017 para 2019, houve uma queda nas rodas de conversas, mas o avanço das oficinas. Isso demonstra crescimento e visibilidade do trabalho das Mulheres Coralinas, uma vez que, as oficinas, além de serem momentos de formação para as próprias mulheres, colocavam-nas, na maioria das vezes, como protagonistas de um ofício que recebiam por estarem levando-o a outros grupos de pessoas.

Figura 21 – Livro que foi a sistematização do projeto Saberes das Mãos.



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

O projeto *Saberes das Mãos: Cidadania Cultural e Formação para as Mulheres Coralinas*, que foi realizado ao longo do ano de 2019, permitiu a formação de 150 mulheres em modalidade presencial e resultou para além das oficinas práticas, na elaboração do *I livro da Coleção Saberes das Mãos – Gastronomia*, que reúne receitas e histórias das associadas.

Este livro apresentava um diferencial, a montagem das páginas e da capa, aliando o bordado e a costura, foram realizadas pelas Mulheres Coralinas. Ou seja, ele foi feito artesanalmente com a mentoria, em todas as etapas, da professora Keila Alves. Desse modo, foi um trabalho de muitas mãos, em que cada integrante da Associação pode sentir responsável por uma parte do produto que guarda não somente receitas, mas histórias de vidas que se entrelaçam.

Na ocasião do encerramento do projeto *Saberes das Mãos* e lançamento do livro, *Saberes das Mãos e narrativas de afeto*, o espaço do Mercado Municipal, em frente a loja Artesanais das Coralinas, foi o lugar das Mulheres Coralinas receber a comunidade vilaboense, as autoridades locais e o representante do MPT-GO, Procurador Thiago Ranieri, que destinou recursos para esse projeto, acreditando, assim, no potencial das associadas. Com ele, estavam o procurador Luís Carlos Fabre e a Procuradora Suse Lane Fabre, e a representante da OIT, Thais Dumêt.

Figura 22 – Lançamento do I livro da Coleção Saberes das Mãos – Gastronomia



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

Esse projeto foi uma forma de trazer para o coletivo de mulheres mais associadas, considerando que um dos requisitos para se tornar uma Coralina é participar das formações promovidas pela associação. É importante reiterar que esse projeto de formação continuada recebeu o investimento do Ministério Público do Trabalho e da Organização Internacional do Trabalho, assim:

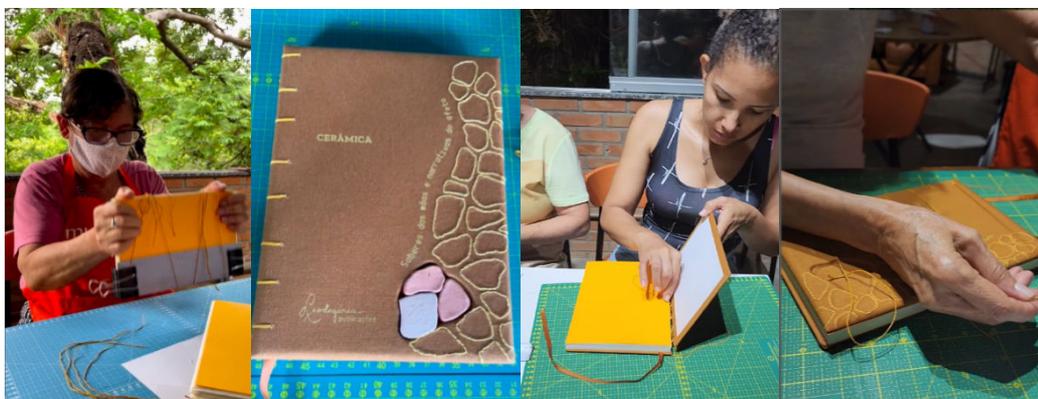
O apoio dessas duas instituições foi responsável por trocas fundamentais, que nos ajudaram a redimensionar o mundo do trabalho sob a ótica da economia solidária, do desenvolvimento sustentável e da justiça social. (SIQUEIRA, 2019, p. IV)

Já no ano de 2020, o Projeto *Saberes das Mãos* foi reeditado e, em função da Pandemia causada pelo Covid 19, teve de ser adaptado e as formações iniciais foram oferecidas em formato virtual, voltando mais ao final no presencial gradativamente e seguindo todos os protocolos de segurança. A segunda edição também contou com a edição do II título da Coleção Saberes das Mãos, envolvendo não a culinária, mas contemplando o artesanato de cerâmica.

Nessa edição, o projeto foi prorrogado por mais de uma vez devido as mudanças que precisaram ser feitas considerando a modalidade on-line. Dentre as dificuldades encontradas, podemos citar:

- Falta de ferramentas e habilidades das cursistas para acessar uma plataforma;
- Imprevistos decorrentes de quedas de energia e internet;
- Impossibilidade de realizar certas atividades como as envolvendo o barro;

Figura 23 – Confeção do II livro da Coleção Saberes das Mãos – Cerâmica



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

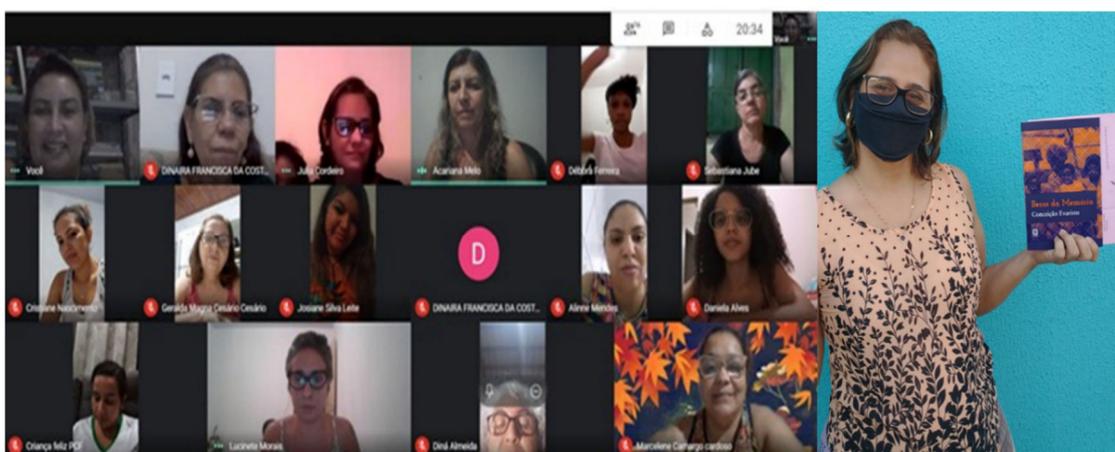
Além das Mulheres associadas, a formação foi destinada novamente para mulheres da comunidade, inclusive de outros municípios, como de Itaberaí e Mozarlândia. Neste ponto, o fato dos encontros terem ocorrido a maioria de maneira virtual, contemplou as mulheres que moravam mais distantes e tinha o desejo de participar.

Com a reedição do projeto Saberes das Mãos, nasce, na Associação, mais um ofício artesanal de Mulheres sendo capacitadas para, dessa vez, a encadernação. Vale

salientar que na ocasião da montagem do primeiro livro, *Saberes das Mãos e Narrativas de Afeto: Gastronomia*, houve oficinas pontuais para a confecção dele. E a partir disso, surgiu o grupo de mulheres, algumas já associadas, outras não, com interesse em se aperfeiçoar no trabalho manual de encadernação.

Assim, foi realizada a oficina com encontros on-line semanais, nos quais se discutiam as etapas da encadernação tendo como suporte as aulas gravadas do Velho Livreiro³⁰. Esses encontros eram conduzidos também pela leitura compartilhada do livro *Becos da Memória* de Conceição Evaristo³¹. Dessa maneira, a transversalidade contemplando a literatura que foi proposta desde o projeto, continuou alicerçando as formações.

Figura 24 – Grupo de Mulheres da Oficina de encadernação em encontro on-line.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A partir de 2021, a Associação ASCORALINAS foi se firmando em um coletivo com grupos internos por área de trabalho, portanto há um grupo: da gastronomia, da cerâmica, do bordado, da encadernação, do artesanato com fibras vegetais e, dessas mulheres, tem as que compõem o grupo das vocalizadoras. No entanto, mesmo havendo já consolidado a especificidade profissional por área de atuação de cada associada, a

³⁰ Conhecida pela sigla OVL, o Velho livreiro é uma Escola e Ateliê de Encadernação. Ela oferece cursos de workshops presenciais e on-line, para quem quer se ingressar no mundo do papel e nas artes do livro. Fonte: CURSOS PRESENCIAIS NA SERRA DA MANTIQUEIRA, **O Velho livreiro**: escola e ateliê de encadernação. Disponível em: <https://www.ovelholivreiro.com/> Acesso em 16/05/2023.

³¹ Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma notável professora e escritora brasileira contemporânea sendo especialmente ativa nos movimentos pela luta negra. A autora, que publica poemas, ficção e ensaios, nasceu no dia 29 de novembro de 1946 em Belo Horizonte, Minas Gerais. Fonte: FUKS, Rebeca. Conceição Evaristo: Escritora, professora e ativista brasileira. **eBiografia**, 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/conceicao_evaristo/ Acesso em 16/05/2023

maioria delas consegue desenvolver mais de um ofício dos citados acima. Isso porque elas estão constantemente em cursos de formação.

Outra maneira de as Mulheres Coralinas promoverem atividades que gerassem renda e propiciasse cada vez mais visibilidade ao trabalho que desenvolviam foi se inscrever e inscrever a associação em projetos do *Fundo de Arte e Cultura de Goiás*³², cumprindo o que está previsto no inciso XIII do Estatuto das Mulheres Coralinas (2016, p.02) que é:

promover e apoiar estudos e pesquisas relativos à geração de renda em arte e cultura, que valorizem os saberes tradicionais nas diversas áreas do conhecimento, podendo captar recursos para o patrocínio de iniciativas nessa área.

Portanto, seja a partir de projetos aprovados pelo Fundo de Cultura, como outros em parceria com as universidades (UFG, UEG), com o MPT-GO e a OIT, as Mulheres Coralinas eram nomeadas, cada uma em sua área de atuação, para ministrar as oficinas para outros grupos da sociedade vilaboense e da região. Assim, elas levavam consigo e com o seu ofício o nome da associação, bem como adquiriam renda pelo trabalho prestado. Neste sentido, o projeto dialoga com as finalidades da associação no que se refere ao desenvolvimento econômico, social, cultural, ambiental e à promoção da qualidade de vida de suas associadas.

Dentre os princípios descrito no Estatuto da Associação, há o de atuarem democraticamente em diferentes frentes políticas da Cidade de Goiás. Logo, podemos notar que o objetivo de uma associação, enquanto coletivo político, tem sido alcançado, considerando o papel e as interferências na vida das associadas como salienta Lüchmann (2014, p. 160):

Contribuindo para a formação, o aumento e o suporte na formação de cidadãos mais democrático, especialmente em sua capacidade de produzir julgamentos autônomos: na formação da opinião pública construindo, ampliando e problematizando as opiniões políticas.

³² O Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás- Fundo Cultural/FAC, foi instituído pela Lei 15.633 de 30 de março de 2006 e regulamentado pelo Decreto n. 7.610 em 07 de maio de 2012. Tem orçamento próprio, vinculado e estipulado em lei que é de 0,5% da arrecadação líquida do Estado. Por meio de editais de seleção pública, lançados anualmente, o Fundo Cultural possibilita que artistas, grupos e coletivos, produtores culturais e prefeituras recebam recursos diretamente do Governo do Estado, para realizarem projetos, nas mais diversas linguagens artísticas e áreas culturais. FUNDO de arte e cultura do Estado de Goiás. **Fundo Cultural Goiás**. Disponível em: <https://fundoculturalgoias.educacao.go.gov.br/sobre/> Acesso em 15/05/2013.

Nesta perspectiva, estariam as Mulheres Coralinas fomentando o aspecto democrático de uma associação considerando que a “democracia se fortalece quando contemplada por um quadro rico e plural de práticas e dinâmicas associativas atuando em diversas tarefas.” (Lüchmann, 2014, p. 160) Pois percebe-se a representatividade da associação em diferentes Conselhos Municipais e, desse modo, construindo argumentos e questionando ações políticas.

Figura 25 – Momentos de representatividade das Coralinas no Município de Goiás.



Fonte: Arquivos pessoais das Coralinas Estela Dias, Josiane Leite e Joana de Oliveira, com a montagem da autora.

De acordo com as fotos e as imagens de documentos acima, a associada Estela Dias tem participado, como representante das Mulheres Coralinas do artesanato, no Conselho Municipal de Política Cultural de Goiás. Já, Josiane Leite, também associada, compõe a Comissão do Plano Diretor do Município e o Conselho Municipal de Turismo, juntamente com a Coralina Dinaira Francisca da Costa. E em parceria com a Dinaira, integro o Comitê Intersectorial de Enfrentamento às Violências, Promoção e Defesa dos Direitos Humanos. É importante ressaltar ainda que, há Mulheres Coralinas que agregam o Conselho Municipal de Saúde e o Centro Especializado de Atendimento à Mulher de Goiás (CEAM). Todas, em nome das Mulheres Coralinas, exercendo a cidadania, contribuindo com a busca por mais justiça social por meio de ações democráticas.

Neste aspecto, a associação ASCORALINAS tem iniciado o processo de dinamismo em que as mulheres estão inseridas em um coletivo e respondendo por um grupo, uma vez que:

...em associação, as pessoas desenvolvem sentidos e percepções da vida social que transcendem a dimensão individual e pessoal. Aqui, as bases de aprendizado superam muito as expectativas de civismo e

cooperação, ao buscarem alterar o status quo nas diferentes dimensões da vida social. (LÜCHMANN, 2014, p. 165)

Assim sendo, entendemos que a dimensão do pensar e agir em prol de um coletivo vai além da individualidade e de um grupo menor, como é o caso das Mulheres Coralinas, o trabalho, a formação, a luta são por um coletivo que é ASCORALINAS.

A partir das ações citadas acima e que foram realizadas pela associação, podemos destacar o que Joan Scott (1995 p. 15) diz sobre o sentido de ver e definir os gêneros como referência de superioridade ou inferioridade: É preciso “certa atenção aos sistemas de significados, isto é, às maneiras como as sociedades representam o gênero, o utilizam para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência”.

No contexto das Mulheres Coralinas, inferimos que há desafios no sentido de ainda lutarem para serem vistas pela sociedade em geral como pessoas com direitos iguais. No entanto, elas têm se fortalecido umas com as outras.

Figura 26³³ – Inauguração da loja física no Mercado Municipal da Cidade de Goiás, *Artesania Coralinas*



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS.

³³ Nesta foto uma homenagem às Mulheres Coralinas que já não estão mais neste plano, Dona Conceição, 3ª à esquerda, e Dona Maria Sebastiana, 1ª à direita. Duas fundadoras da associação ASCORALINAS que demonstravam em relatos as durezas que a vida já impôs a elas. Isso não somente por serem mulheres, mas por serem mulheres negras e vindas de famílias pobres. Hoje, a associação ASCORALINAS possui um legado deixado por elas.

Após a inauguração da loja física para a venda dos produtos artesanais e da gastronomia das Mulheres coralinas, o espaço do Mercado Municipal passou a ser um local de rodas de conversas, que eram os momentos de formação para a cidadania, para a emancipação social e econômica no sentido de fortalecer cada vez mais o coletivo de mulheres, de fazer cada associada se sentir pertencente ao meio social e cultural. Dentre os temas já discutidos pelas mulheres Coralinas e pela comunidade vilaboense, foram selecionados posts, de divulgação da época, para ilustrar algumas temáticas já abordadas no coletivo das Coralinas. Isso sabendo que tais atividades objetivavam fortalecê-las para lutar contra as relações de poder e de dominação em esferas sociais distintas.

Figura 27 – Post de algumas das *Rodas de Conversas* que ocorreram em 2017.



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

Nas ocasiões das *Rodas de Conversas* a palestrante tinha a função de guia da temática, provocando reflexões e colocações, por meio da fala das participantes.

Com o desejo de dar visibilidade às garis da cidade de Goiás, foi oportunizada uma Roda de Conversa e, nessa mesma noite, a exposição "A nudez da beleza" de

Mariana de Lima³⁴, que sensibilizou o olhar de todos para o ser social e histórico que está por trás de uma mulher que cuida da limpeza urbana de uma cidade. No entanto, é invisibilidade pela própria sociedade.

Figura 28 – Mulheres Garis participando da *Roda de Conversa* e da abertura da exposição *A Nudez da Beleza*.



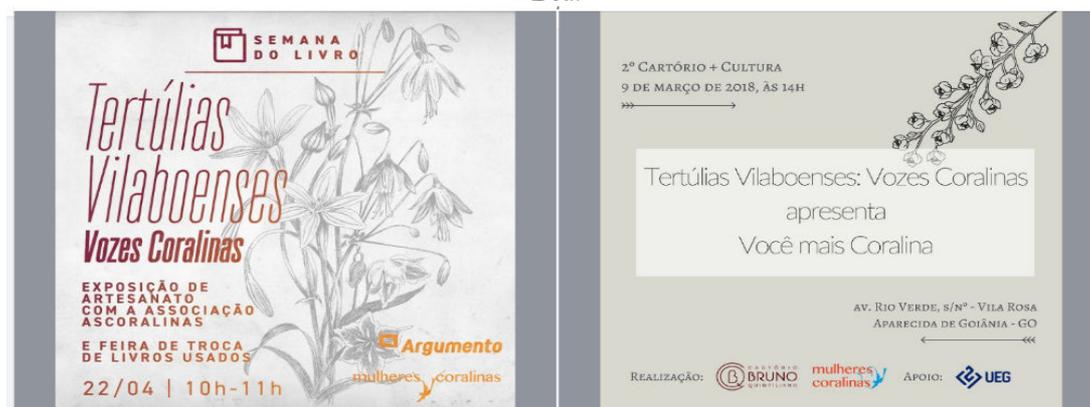
Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

Além das ações já mencionadas, as Mulheres Coralinas, enquanto um coletivo, estiveram integradas a outras atividades e aqui serão citadas algumas delas, como o curso de Bio Joias. Essa atividade, que teve a duração de 4 dias intensos, foi realizada por meio da parceria entre o SENAR e a Prefeitura de Goiás, as associadas participaram como expositoras no Congresso Internacional de Bombeiros e Emergências - CIBE Brasil, que foi realizado no Centro de Convenções da PUC, Goiânia; compuseram a abertura do XI Festival Gastronômico da Cidade de Goiás e, no mesmo evento, ministraram a Oficina de Gastronomia e Poesia em parceria com o SESC (Serviço Social do Comércio), Goiânia; realizaram oficina de fibras artesanais no Cartório Bruno Quintiliano, em Aparecida de Goiânia; o Grupo Vozes Coralinas vocalizou poemas na festividade de 14 anos de criação do Centro Loyola de Fé e Cultura de Goiânia; a associação das Mulheres Coralinas participou da Semana do Livro promovida pela escola específica de redação Argumento, e da Roda Especial, como parte das atividades da VIII Semana de "Justiça Pela Paz em Casa". Uma realização do Tribunal de Justiça em parceria com a Prefeitura Municipal de Goiás e a Associação das Mulheres Coralinas. Por fim, a associação ASCORALINAS ganha espaço na Folha de São Paulo.

³⁴ Fez graduação em cinema pela UFF. Pesquisa e experimenta a manifestação da palavra e da voz no cinema e no rádio. Trabalha como oficina. Foi redatora da Revista Cinética. Mantém vínculo com o Laboratório Kumã. Tem interesse pelas relações possíveis entre a criação de imagem e as políticas comunitárias. Integra a Associação Mulheres Coralinas, na Cidade de Goiás.

Fonte: Dados cedidos pela responsável pela exposição.

Figura 29 – Post de divulgação da participação do grupo *Vozes Coralinas* em atividades fora de Vila Boa.



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

O ano de 2020 marcou o início da pandemia da Covid -19 no Brasil, assim como os maiores desafios da associação ASCORALINAS, afinal, o comércio fechou, os eventos foram cancelados e, para segurança de todos, em especial as mulheres coralinas que são da faixa etária de maior risco, o isolamento social foi decretado.

Como destacou uma Coralina raiz³⁵: “Essa pandemia acho que afetou a vida da gente de tal jeito, que primeiro ninguém estava esperando um baque tão grande como esse, as coisas caminhando, a loja lá com mil projetos.” Dona Maria Sebastiana (In memoriam)³⁶.

Aquele ano, tido como o impossível, foi um ano real para as Mulheres Coralinas, pois mostraram que conseguem se reinventar diante das adversidades que a vida impõe. Desse modo, nesse período de pandemia, foi criado um canal no Youtube. Nele, as Rodas de Conversas previstas na segunda edição do projeto *Saberes de Mãos* aconteceram de forma virtual e com outra nomenclatura *Saberes das Mãos: Leitura, Pontes Digitais e Cidadania*.

³⁵ Raiz por essa Coralina estar no coletivo de mulheres desde o lançamento do Projeto Mulheres Coralinas em 2014 e ter perpassado por quase todos os cursos de formação em diferentes áreas do trabalho.

³⁶ ASSOCIAÇÃO Mulheres Coralinas. SABERES DAS MÃOS: leitura, pontes digitais e cidadania, YouTube, 9 de jan. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S92sHZmUbzs&t=164s> Acesso em 10 mai 2023.

Figura 30 – Post-convite para uma conversa virtual.



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

Em vista disso, importantes temáticas permaneceram instigando as Mulheres Coralinas, assim com a sociedade vilaboense, a se movimentarem enquanto cidadãs, antenadas com a vida política do município, exercendo o papel de ser humano constituído de direitos e deveres, tendo os atos democráticos como consolidação do exercício da cidadania. Além disso, continuaram buscando na prática do artesanato, como o bordado, uma maneira de resistir às dificuldades financeiras e psicológicas, provocadas pelo momento pandêmico.

Mais uma vez, a ASCORALINAS contou com o apoio da Organização Internacional do Trabalho- OIT e do Ministério Público do Trabalho de Goiás -MPT-GO na produção de milhares de máscaras. Essa ação permitiu que o trabalho da associação não parasse, e, diferente das linhas dos bordados, as linhas dos versos e das vidas coralinas continuavam se construindo.

Figura 31– A confecção de máscaras, desde a montagem até o fechamento.



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

Na *figura 32*, do *lado esquerdo*, Dona Maria José, mulher Coralina que passou dias e noites no corte das máscaras e, após serem bordadas, no arremate final delas. E do *lado direito*, eu, no momento de inauguração da construção da Sede da Associação, representando todas as associadas que passaram a levar no rosto um símbolo de proteção e resistência.

Figura 32 – A construção da Sede da Associação em período de pandemia.



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

A sede da ASCORALINAS foi erguida depois de cinco anos de existência da associação, parece muito, todavia, para as Mulheres Coralinas, mesmo diante de tantos desafios, foi a conquista de mais um sonho. É uma casa erguida por muitas mãos: mãos da jornalista *Arcelina Helena Públio Dias*, que doou o terreno; mãos do MPT-GO, que destinou recursos para a obra; mãos do poder público municipal e, claro, de todas as Mulheres Coralinas que, mesmo seguindo todos os protocolos de segurança, estiveram ativas nessa construção.

Na Casa Coralinas, há uma parede que foi construída de adobe³⁷, e esses adobes foram feitos pelas mãos das Mulheres Coralinas em uma oficina que ocorreu no terreno da Sede. Em um vídeo a Coralina Luiza Pessoa diz:

Só de pensar que na minha vida toda em amassei o barro para levantar os meus potes, muringas, bules, xícaras e panelas, então nunca imaginei que um dia eu fosse amassar o barro para fazer

³⁷ Esses blocos, tijolos, são compostos por água, terra crua, palha e fibras naturais, que são moldados de forma artesanal em fôrmas e cozidos ao sol. É bastante utilizado em regiões quentes e secas, entretanto, são mais vistos em edificações antigas como por exemplo em edifícios tombados. Fonte: TIJOLO de adobe, **Planejpb**: suas ideias, seus planos, nossas soluções. Disponível em: <https://www.planejpb.com.br/post/tijolo-de-adobe> Acessado em 16 mai 2013.

os adobes, levantar as paredes e construir uma casa para abrigar os nossos sonhos.³⁸

Figura 33 – Visitas do procurador chefe do MPT-GO, Thiago Raniere a construção da Sede.



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

Ao longo da pesquisa, foi relatado que o projeto Mulheres Coralinas teve como desdobramento a associação ASCORALINAS, e essa, por sua vez, teve o reconhecimento de importantes instituições, possibilitando a sustentabilidade e os desdobramentos dela enquanto entidade civil, com propostas de formação para o trabalho e para a emancipação de mulheres. As imagens acima ilustram isso com a presença de Thiago Raniere em diferentes momentos de construção da sede da associação das Mulheres Coralinas. Na primeira visita a construção da Casa Coralinas, o procurador chefe do MPT-GO disse entre outras palavras:

É uma obra que tem o nosso apoio, o custeio a partir de destinações de condenações de danos morais e coletivos, para nós é uma extrema honra e felicidade poder vir aqui logo no início e saber que vai ser construído aqui algo de extrema importância para o futuro das Mulheres Coralinas, que é um projeto que visa a inclusão, que visa o combate à desigualdade de gênero, que visa a inclusão por meio do trabalho digno no mundo do trabalho.³⁹

Em meio a pandemia, as Mulheres Coralinas renovaram as forças ao ouvir a relevância do trabalho que desenvolvem para a sociedade.

São essas ações que, desenvolvidas num coletivo, tem feito cada Coralina perceber que é possível ter vida mais digna por meio do trabalho e das relações sociais.

³⁸ ASSOCIAÇÃO Mulheres Coralinas. Casa das Coralinas, YouTube, 15 de set. de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2oRLR9GKchE>, 15 de set. de 2021. Acesso em 17 mai 2023.

³⁹ ASSOCIAÇÃO Mulheres Coralinas. Ano impossível | A colheita real das Coralinas, YouTube, 22 de dez. de 2020 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MK40-o89dLo>. 2020. Acesso em 16 mai 2023.

Tudo isso se comprova com o depoimento da Coralina Nilva⁴⁰ em vídeo feito durante a pandemia:

Foram momentos de muita angústia, principalmente para mim, que vivo sozinha, certo? A gente não tem mais aquela correria que nós tínhamos, “vamos bordar esse pano ligeiro porque na loja está faltando”. Então a gente tá sentindo muito essa falta. Difícil de resistir, faço algo em casa, mas há um vazio, parece que está faltando alguma coisa. Eu sinto que é a falta da presença das companheiras lá na loja, a gente encontrava, nas rodas de conversa cada uma dava uma opinião, e agora está tudo estranho.

Neste depoimento observa-se o sentimento de pertença das Mulheres Coralinas no coletivo e como o trabalho coletivo tem marcado a existência de cada uma.

Figura 34 – Importantes ações que com muitas mãos tem sido possível acontecer



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

As imagens acima representam, mais uma vez, que a Associação das Mulheres Coralinas tem alcançado notoriedade e reitera o que disse o prefeito, Aderson Gouveia, na época da inauguração da obra de construção da sede das Mulheres Coralinas: “Falar das Mulheres Coralinas é falar de um projeto realmente, pois tem várias atividades que são eventos, faz hoje e amanhã já passou, é outra coisa. Esse projeto construiu raízes, trouxe a poesia de Cora para fora do centro histórico da Cidade.”⁴¹

⁴⁰ ASSOCIAÇÃO Mulheres Coralinas. Ano impossível | A colheita real das Coralinas, YouTube, 22 de dez. de 2020 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MK40-o89dLo>. 2020. Acesso em 16 mai 2023.

⁴¹ ASSOCIAÇÃO Mulheres Coralinas. Ano impossível | A colheita real das Coralinas, YouTube, 22 de dez. de 2020 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MK40-o89dLo>. 2020. Acesso em 16 mai 2023.

Vale mencionar, ainda, que essas ações exemplificam as características do novo associativismo que conforme reforça Cruz (2004, p. 181) “não deriva de processos de mobilização de massas, mas de processos de mobilizações pontuais.”

A constituição de novos sujeitos coletivos requer algumas condições efetivas, tais como: ser detentor de certos direitos políticos por representarem coletividades e legitimadas socialmente; ter capacidade e habilidades para expressar as demandas daquelas coletividades; elaborar planos e estratégias de ação; ter habilidade para aproveitar ou criar oportunidades políticas favoráveis à ação coletiva; deter recursos humanos e de infraestrutura básica. (CRUZ, 2004, p. 182)

O coletivo ASCORALINAS é definido pela soma de mulheres, vindas de diferentes áreas da vida social, cada uma com sua subjetividade. E, como enfoca Paulo Freire (2021), o dilema é encorajar essas mulheres a fazerem a melhor “opção” que é de ser o sujeito da sua própria história rompendo com imposições e um sistema de alienação. No entanto, pensando em como esse grupo social tem se posicionado em relação à produção das ideias e dos bens materiais, já se observa a opção pela mudança aderindo a autorreflexão, conhecimentos para a liberdade. Isso porque segundo Vieira Pinto (1979, p. 122):

À medida que o homem, em curso de se auto-realizar, domina a natureza, colhendo experiências novas e atuando com respostas originais aos desafios do ambiente, vai criando instrumentos inexistentes anteriormente, desenvolve técnicas sem precedentes, a partir da instrumentalização dos objetos jacentes ao seu redor, porém só transformados em instrumentos quando a ideiação em surgimento os utiliza pondo-os ao serviço de finalidades, que começam então a ser percebidas na ideia da ação intentada.

Neste sentido, apresentarmos o exemplo de uma Coralina que tem mostrado a resistência em busca de ser sujeito histórico, não se deixando as sujeitar, rompendo com um processo histórico que, muitas vezes, massifica. Essa artesã tem sido um elo entre as demais Mulheres Coralinas que ainda tem receio em enfrentar desafios, em ser “plural na singularidade”. Desse modo, ela tem se apropriado do conhecimento, vivido a cultura e criado cultura. A seguir será exposta uma linha de produção que associa a cultura de uma artesã que abre espaço a novas experiências e cria instrumentos com diferentes finalidades, porém com identidade única.

Figura 35 – Peças da artesã Luiza Helena Pessoa⁴²



Fonte: primeira imagem do arquivo pessoal da artesã e as demais do arquivo digital da ASCORALINAS

A peça 1 trata-se de um utilitário moldado e queimado (2008). As peças 2 e 3, também utilitários, mas que ganharam novas roupagens com as técnicas do engobe⁴³ e da vitrificação⁴⁴. A peça 4 mostra o aperfeiçoamento em escultura do símbolo de uma manifestação cultural. A peça 5 (2022) multifuncional foi criada a partir de pratos feitos pela artesã. Eles ganharam uma nova estética e função, sem perder as suas características de origem. As miçangas de barro também caracterizam o trabalho da referida artesã, agora usadas de forma escultórica na peça, como terços, numa escala maior, mesclando diversas cores de barro e miçangas de madeira. Esta peça é um convite à contemplação do nosso olhar interno e externo, um encontro com as nossas raízes, uma oração. Observa-se que as peças ganham identidade e revelam a constituição de saberes até aqui adquiridos por essa, assim como, tantas outras Mulheres Coralinas.

Diante da evolução das obras apresentadas, algumas das Mulheres Coralinas tem conseguido unir a multiplicidade de conhecimentos ora objetivos, ora subjetivos, como destaca Vieira Pinto (1979), que leva a cultura e a consolidação de um sujeito histórico.

Aqui é relevante discorrer sobre o encontro das Coralinas com o designer Marcus Camargo⁴⁵ que ocorreu durante a pandemia. Foi em um momento sem romantismo, em

⁴² As imagens abaixo são de peças da artesã Luiza Helena Pessoa e foram cedidas por ela. Essa artesã participou do projeto Mulheres Coralinas e é uma associada ativa.

⁴³ Basicamente um engobe é argila líquida (slip, em inglês) utilizada para revestir e colorir peças modeladas em argila ainda cruas. Assim, o engobe deve ter cor diferente da peça a ser pintada. (FLORES, Ana. O que é Engobe, *Lacad*, s/d. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/lacad/revestengobe.html>. Acesso em 12/07/2022.)

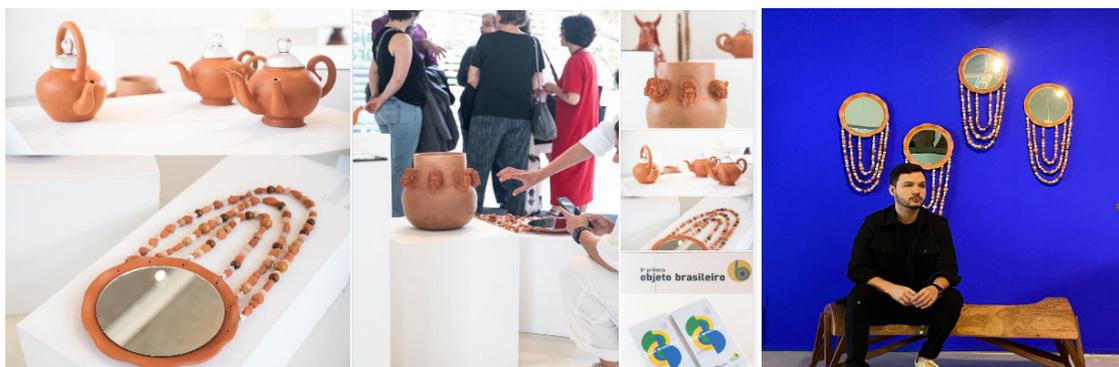
⁴⁴ Através do uso de silicatos compostos, a cerâmica adquire aparência vidrada quando submetida a temperaturas de até 1500°. Após todo o processo a peça ganha rigidez e resistência. (TUREK, Cris. Cerâmica Vitrificada, encanto e sofisticação para a argila. *Vila do artesão*, 2008. Disponível em: <http://www.viladoartesao.com.br/blog/ceramica-vitrificada-encanto-e-sofisticacao-para-a-argila/>. Acesso em 12/07/2022.)

que a dureza da situação impulsionava toda uma população a lutar pela sobrevivência física e mental.

Fui convidado por elas para fazer uma mentoria criativa em 2020 por meio do projeto Saberes das Mãos com o apoio da OIT e do MPT-Goiás. Do projeto, Coleção Vila Boa, surgiram peças maiores, impulsionadas diretamente por mim, através da rica troca de saberes entre as artesãs e eu, designer. Fiz um mapeamento das características artísticas de cada uma delas e a partir disso criamos peças que fazem esse diálogo direto do artesanato com o design contemporâneo, uma característica já abordada por mim em outros trabalhos. Selecionamos, então, algumas peças para lançar em parceria com o nosso estúdio, daí surgiu a Coleção Coralinas. (DESIGN, 2021)

A Coleção Coralinas, representada pelas artesãs, Izabel, Laura e Luiza, fez parte da exposição Museu a Casa brasileira, em São Paulo, como ganhadores do 8º prêmio Objeto brasileiro⁴⁶. Uma parceria do designer Marcus Camargo com a sua coleção e a Associação ASCORALINAS.

Figura 36 – Exposição das peças Coralinas em parceria com Marcus Camargo.



Fonte: página do designer Marcus Camargo (facebook)

Diante do exposto, é possível concluir que a formação social do sujeito ocorre a partir do momento em que o homem deixa o espaço de acomodação e passa da imobilidade para a integração do mundo em que vive. Neste sentido, é na criação, na

⁴⁵ (@camargomarcus) Marcus Camargo DESIGN, DESIGNdePRODUTO. DESIGNdeAMBIENTES. FOTOGRAFIA. MARKETING DIGITAL., que se juntou as Mulheres Coralinas para pensar como moldar a força entre aquilo que já fazia parte do cotidiano das associadas e outras variações possíveis.

⁴⁶ O Prêmio Objeto Brasileiro faz parte de um conjunto de ações realizadas pelo Museu A CASA do Objeto Brasileiro com o objetivo de contribuir para o reconhecimento, valorização e revitalização deste importante patrimônio cultural brasileiro. Fonte: (CASA mercado, **Casa e Mercado**, 2022, Disponível em: <https://casaemercado.com.br/8-edicao-do-premio-objetobrasileiro/#:~:text=O%20Pr%C3%AAmio%20Objeto%20Brasileiro%20fazdeste%20importante%20patrim%C3%B4nio%20cultural%20brasileiro.> Acesso em 15 mai 2023.

recriação e na tomada de decisão que o ser humano consegue compreender e atuar na sua realidade social, cultural, econômica e política.

Contudo, ser um sujeito histórico capaz de atuar e transformar realidades e visões de mundo não é tão simples, pois, conforme salienta Vieira Pinto (1979, p.126), para se ter êxito o processo de criação cultural,

não pode ser entendido apenas por uma das faces, a produção dos bens de consumo, de que o homem necessita; tem de ser entendido igualmente pela outra face, a produção do próprio, homem, em função da cultura que em cada época adquiriu.

Além disso, Freire (2021, p.60) exalta que a maior tragédia do homem moderno é deixar-se ser comandado pela “publicidade organizada, ideológica ou não”, uma vez que, assim os saberes ficam acomodados ou ajustados e a capacidade de decisão é anulada. O ser humano necessita se ver como produto do meio.

Nesta perspectiva, Vieira Pinto (1979, p. 126) diz ainda que:

Quando dizemos que o homem é um bem de produção queremos entender com isso que deve ser um bem de produção de si mesmo, para si mesmo, ou seja, que sua ação sobre a realidade deve ser utilizada apenas em benefício de cada homem, para torná-lo mais humanizado na sua compreensão do mundo e nas relações com os semelhantes.

Portanto, é urgente chamar a atenção do sujeito para a educação crítica voltada para a sua reflexão sobre a história atual e antiga, bem como, para a sua maneira de integrar e atuar no meio social em diferentes épocas. Isto é, considerando que o homem é um meio de produção, mas que precisa produzir para si e não se permitir ser alienado por uma cultura.

Com o objetivo de analisar uma situação de construção do próprio indivíduo. Assim, a imagem a seguir representa um processo de produção cultural realizado com diferentes faixas etárias. Destacamos, aqui, a Ester, que estava nos braços da mãe na *Figura 09*. Atualmente, ela compõe o grupo das meninas Coralinas que se preparam para serem futuras associadas. A menina Ester tem marcado presença em diferentes atividades promovidas pela associação, participado de vocalização em diferentes espaços seguindo os passos da mãe-Coralina.

Figura 37 – Diferentes gerações de Coralinas



Fonte: Arquivo digital da ASCORALINAS com montagem da autora

Essa perpetuação de saberes e fazeres ilustrada anteriormente mostra mais uma vez que a associação ASCORALINAS se constituiu pelo movimento social.

Então, como salienta Lüchmann, (2014, p. 165):

Poderíamos dizer que as associações são exemplo paradigmático do que a literatura identifica como “estruturas mobilizadoras”, fazendo referência a uma importante produção teórica sobre os movimentos sociais que se desenvolve no sentido de combinar diferentes perspectivas e conceitos sobre a ação coletiva.

Com essa premissa, retomamos a importância das “oportunidades políticas e dos sujeitos sociais” para o desenvolvimento de ações coletivas potentes no sentido de construir novas perspectivas de vida aos associados.

Vale mencionar ainda que:

[a] relação intrínseca entre sociedade civil e associativismo está ancorada na tese de que as associações civis são as instituições especializadas e responsáveis por reproduzir culturas e tradições e formar identidades coletivas e práticas ancoradas nos princípios da democracia e da solidariedade (ARATO e COHEN, 1992 *apud* LÜCHMANN, 2014, p. 167)

Portanto, seria a sociedade civil um campo de crescimento da democracia?

Quando se fala das Mulheres Coralinas, em síntese, percebe-se que as demandas são muitas para a conquista de espaços de direito. É necessária ainda a superação de conflitos, especialmente, internos, a utilização dos saberes que possuem para recriar situações e transformar a vida em sociedade democraticamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou analisar a associação de mulheres ASCORALINAS e como o trabalho e todas as atividades desenvolvidas pelas associadas interferiu e tem interferido na vida social, econômica e cultural dessas mulheres.

Essa associação é oriunda de um projeto institucional realizado pelo poder público municipal, financiado pelo federal e que tinha a sua frente mulheres da área da educação e da cultura. Esse projeto teve a duração de dois anos, oportunizando as mulheres inscritas a formação para o trabalho em diferentes artesanias, bem como, da gastronomia.

Embora a sociedade vilaboense ainda tivesse preceitos que fossem ligados, historicamente, às oligarquias, sendo os nomes de poder regidos por homens, quando a professora Selma Bastos de Oliveira Pires foi eleita como prefeita da Cidade de Goiás, assim como o apreço por Cora Coralina começa a crescer com o trabalho também de uma mulher, professora Ebe Maria de Lima Siqueira, a figura feminina começa a ganhar uma nova nuance que foi fortalecida pelo projeto ASCORALINAS.

Justamente por envolver ofícios diferentes, a organização exerce um papel de instituição instrucional na qual acontecem múltiplas aprendizagens, as mulheres não apenas desenvolvem ou aprimoram uma habilidade, elas aprendem a usar essa habilidade para se inserir, de forma significativa, no meio social.

Embora trabalhos com artesanato e a fabricação de alimentos sejam socialmente concebidos como femininos e outrora tenham sido desvalorizados, a organização conseguiu não apenas ressignificar o papel desses trabalhos para a sociedade e para as mulheres que tenham contato com os projetos das ASCORALINAS e seus desdobramentos, assim como foram utilizados como meios para a emancipação feminina, o que contribui duplamente para a retratação da figura da mulher na sociedade, se por um lado esse processo permitiu que asicineiras, as artesãs e as cozinheiras tivessem um papel de destaque dentro do movimento, o que configura, por si só, um protagonismo, por outro lado isso permitiu e motivou que outras mulheres também avistassem a possibilidade de assumirem o controle das próprias vidas.

A partir das pesquisas realizadas, notamos que as Mulheres Coralinas têm se aperfeiçoado, cada vez mais, em técnicas do trabalho artesanal, e isso tem as motivado a sair do anonimato, participando de atividades artísticas e culturais, de feiras e reuniões, representando a associação ASCORALINAS, seja com vendas ou com participação

cidadã, no sentido de ajudar em tomadas de decisões em áreas públicas distintas, como: comitês e conselhos municipais.

Um dos principais pontos que observamos na organização estudada foi o protagonismo feminino, por se tratar de uma organização cujo objetivo é empoderar as mulheres e dar-lhes liberdade de escolha e liberdade financeira para que pudessem usufruir plenamente de seus direitos. Essa tarefa jamais poderia ter sido feita em um ambiente no qual houvesse a predominância da figura masculina uma vez que algumas das participantes já haviam sofrido violências por parte de um homem.

Nesse sentido, ao se estruturar por meio de figuras de poder feminino, ASCORALINAS, em seu próprio cerne, já fornecia a possibilidade de que as integrantes se reconhecessem em figuras de poder, já passassem a pertence a uma sociedade na qual as mulheres não apenas tinham voz e vez, mas tinham um ofício que lhe permitiria atingir a própria independência, seu próprio protagonismo.

No entanto, já podemos observar as contradições sobre o trabalho coletivo e os desafios que as Mulheres Coralinas ainda enfrentam para conquistar maior emancipação financeira e social.

Num primeiro momento, precisamos reiterar que a associação ASCORALINAS foi o resultado de um projeto desenvolvido com recursos públicos do governo federal e do município de Goiás. Esse projeto, Mulheres Coralinas, foi pensando, elaborado, apoiado e executado por mulheres e para mulheres. Diante de seus desdobramentos, o projeto pode ser visto como um movimento social, considerando os seus propósitos que, para Scherer-Warren, (1978, p. 20) são: (práxis) ação grupal – transformação com os mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização diretiva definida (a organização e sua direção).

Portanto, no projeto Mulheres Coralinas, ocorreu um processo organizado de mobilização coletiva em prol de uma demanda, também coletiva, que defendia uma causa social. Desse modo, diferente do que Alonso (2009) relata, havia uma posição de mobilização em nome da emancipação econômica, social e cultural das mulheres. E isso pode acontecer com o apoio do poder público municipal e federal e não com as posições de mobilizações no que compreende desafiantes *versus* detentores do poder. Por isso, foi possível constatar que o projeto Mulheres Coralinas se caracterizou como um movimento social em suas novas concepções, uma vez que assim: “atuam segundo uma agenda emancipatória, realizam diagnósticos sobre a realidade social e constroem propostas.

Atuando em redes, articulam ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social.” (GOHN, 2015, p. 14-15)

A partir desses pressupostos, a associação ASCORALINAS tem desenvolvido um trabalho de formação constante em distintas áreas da vida das associadas.

Vale mencionar que uma das atividades que possibilitou às mulheres maior integração ao coletivo foram as *Rodas de Conversas*, pois, além dos temas que mexiam, na maioria das vezes, com o ser mulher na sociedade, havia os momentos de discussão e reflexão que instigavam e proporcionavam às Coralinas o direito a fala, a se colocarem como sujeitos-históricos que tem vezes e vozes.

Atualmente, as mulheres associadas, independentemente de estarem ou não compondo a diretoria, já têm atuado na recepção, na Casa Coralinas, de diferentes públicos, como: equipes de universidades, de escolas, de outras associações ou organizações na área da saúde, do turismo, da economia solidária, entre outras. Nessas ocasiões, ora elas ministram oficinas de gastronomia, artesanato, falam da associação e vocalizam poemas, ora discorrem sobre aspectos de como surgiu a associação e da sua vida enquanto Mulher Coralina que tem sua trajetória aliada à história da poetisa Cora Coralina.

Para obter os dados do estudo que resultou nessa dissertação, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, tanto físicos, quanto digitais. Neste aspecto, é necessário citar que todas as referências bibliográficas selecionadas no início foram utilizadas, assim como, incluímos outras que dialogavam com as discussões realizadas. Além disso, o uso de fotografias entre outras figuras foi relevante para ilustrarem a prática sob a teoria.

Enfim, para que haja transformação social é necessário que a sociedade compreenda que isso acontece por meio das relações que são construídas no coletivo e não na individualidade.

Aqui ficarão sugestões para que outros pesquisadores aprofundem em questões que foram apenas instigadas, devido à própria natureza da proposta deste estudo, nesse trabalho. É o caso do aspecto étnico-racial das mulheres que compõem a associação ASCORALINAS. Bem como, abordar de forma mais abrangente as características do trabalho coletivo e suas contradições na atualidade, considerando o mundo capitalista. Dar destaque para as mulheres garis e o encontro com a cidade e, ainda, desenvolver um estudo mais abrangente contemplando o protagonismo das mulheres no movimento social e no associativismo na Cidade de Goiás.

Também se faz necessário analisar com mais afinco como uma organização, em vez de entrar em colapso, como muitas fizeram nos anos de 2019 e 2020, ganhou forças e continuou florescendo mesmo diante as intempéries da pandemia, é sabido que uma das forças motrizes para o sucesso das ASCORALINAS é a sua capacidade de reinventar-se, assim como fez a própria poetisa a quem a organização faz referência, mas a potencialidade que essa e outras forças que movem essa organização ainda merecem mais investigação.

Além disso, como a organização continua em constante desenvolvimento e expandindo seus repertórios de ação, também se faz necessário continuar observando as múltiplas possibilidades e os novos objetivos que as ASCORALINAS ainda podem tracejar. Por ser relativamente nova e já ter impactado a vida de tantas pessoas de forma afirmativa, é importante que novos pesquisadores lancem seus olhares sobre essa organização e outras afins para que seja possível, também, ampliar os meios de divulgação e fazer possível que mais vidas sejam tocadas.

O meu desejo é de que esses registros alcancem grupos, especialmente de mulheres, que, assim como as Mulheres Coralinas, tenham o desejo de emanciparem-se economicamente, socialmente e culturalmente.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Ângela. As teorias dos Movimentos Sociais: Um balanço do Debate. In: **Lua Nova**, n. 76. São Paulo, p. 49-86, 2009.

ALVES, Amone Inacia. **Quem deu à luz: A Comissão Pastoral da Terra – CPT – e as práticas educativas na formação de trabalhadores rurais em Goiás**. 2010. 222f. Tese (Programa de Pós- Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

ANYON, Jean. **Intersecções de gênero e classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 73, p. 25-47, maio 1990

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo. 13ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.

BARKER, Colin. O movimento como um todo: ondas e crises. In.: **Revista Outubro**, n. 22, 2º semestre de 2014. Disponível em: <http://www.outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-22-Artigo-01.pdf> Acesso em 12 nov. 2022.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

BRITTO, Clóvis Carvalho. SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina: Raízes de Aninha**. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.

CERVO, Amado Luiz. **Metodologia Científica**. -6 ed.- São Paulo: Person Prentice Hall, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**. Homero Santiago (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

CORALINA, Cora. **Meu Livro de Cordel**. 18ª ed. São Paulo: Global, 2013.

CORALINA, Cora. **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais**. São Paulo: Global, 2014.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Editora Cortez, 2018

CRUZ, José Adelson da. **Movimentos Sociais e Práticas Educativas**. Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG, 29 (2): 175-185, 2004.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2006,

DESIGN, Marcos Camargo. **Pote Carolinas**. 19 de abril de 2021. Facebook: usuário Facebook. Disponível em: [https://www.facebook.com/mcamargodesign/posts/pfbid02tJUJgG42KptfosvsqTJfZxSrbLqchpttFxmX22LKgppEJMZNq2xd1suKp5gSye6l?__cft__\[0\]=AZXqmSLz300b3fDsC7Fs6DDhG5jEahmqEa349a76CqF9Lz4IVnS_W-oHYb06rYfdfVfe91efVMot-GQOAmAcZt9TULSzKDM9Dm2pBESHMJcSDRPF2eZT2cqDWRiA8pehb4FXHdSA7bvnFTGdLSDkjW3E5Z0spcNTuISmQ1KcPesWxtu5yGjvOAxSNPRJVGNsUecdEFM1gZGbDd5kZkjWsS1b&__tn__=%2CO%2CP-y-R](https://www.facebook.com/mcamargodesign/posts/pfbid02tJUJgG42KptfosvsqTJfZxSrbLqchpttFxmX22LKgppEJMZNq2xd1suKp5gSye6l?__cft__[0]=AZXqmSLz300b3fDsC7Fs6DDhG5jEahmqEa349a76CqF9Lz4IVnS_W-oHYb06rYfdfVfe91efVMot-GQOAmAcZt9TULSzKDM9Dm2pBESHMJcSDRPF2eZT2cqDWRiA8pehb4FXHdSA7bvnFTGdLSDkjW3E5Z0spcNTuISmQ1KcPesWxtu5yGjvOAxSNPRJVGNsUecdEFM1gZGbDd5kZkjWsS1b&__tn__=%2CO%2CP-y-R)

FONSECA, Regina Célia Veiga Da. **Metodologia do Trabalho Científico**. - Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 51ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GEHLEN, Ivaldo; MOCELIN, Daniel Gustavo. (org.) coordenado pela SEAD/ UFRGS. **Organização social e movimentos sociais rurais** [recurso eletrônico] 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018. Pdf

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. In: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2023.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no início do século XXI**: antigos e novos atores sociais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

GONÇALVES, Cristiane Souza. Diamantina: Sutis geometrias e paisagens entrelaçadas. In: NEUENSCHWANDER, Silvana. **Patrimônios do Brasil**. Belo Horizonte: Lucca, 2022.

HARVEY, David. Capital e Trabalho. In. ____: **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo. Boitempo, 2016. p. 67-72.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

JOHANNPETER, Maria Elena Pereira. Voluntarismo ou Voluntariado? In: **Centro de Voluntariado Virtual Atitude Solidária**, 2011. Disponível em: <https://atitudesolidaria.wordpress.com/2011/09/17/voluntarismo-ou-voluntariado/>. Acessado em 01 nov 2022.

Laraia, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LAVILLE, Cristian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LÜCHMANN, Lígia Helena Hahn. Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. **Revista brasileira de ciências sociais** – vol. 29 nº 85. 2014.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARX, Karl. Trabalho estranhado e propriedade privada. In: ANTUNES, Ricardo. **A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels**. São Paulo: Editora Expressão popular, 2009.

MÜLLER, Crisna Maria. BESING, Márcia. **A trajetória histórica da mulher no Brasil: da submissão à cidadania**. Revista Augustus. Rio de Janeiro, 2018.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. – 1. ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

PALACÍN, Luis, Pe (et alli). **História de Goiás (1722 - 1972)**. Goiânia, Imprensa da UFG, 1975.

PASSOS, Elder Camargo. **Goyaz: de arraial a patrimônio mundial**. Goiânia: Kelps, 2018.

PRADO, Paulo Brito do. **Por uma história dos silêncios: mulheres, guardiãs e Cultura na Cidade de Goiás (Década de 1960)**. Brasília, 2015.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. *Metodologia do trabalho científico* [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico /– 2. Ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBAS MACHADO, Érico. **A constituição da Pedagogia Social na realidade educacional brasileira**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis.

SADDI, Salma. Cidade de Goiás: Testemunho do Brasil setecentista. In: NEUENSCHWANDER, Silvana. **Patrimônios do Brasil**. Belo Horizonte: Lucca, 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da Razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 3a edição. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTADE, Maria Suzett Biembengut. *A metodologia de pesquisa: instrumentais e modos de abordagem*. In: SIMÕES, Darcilia & GARCÍA, Flávio (Orgs.). *A pesquisa científica como linguagem e práxis*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014, p. 95-109. Disponível em: http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_lingua/livro_a_pesquisa_cientifica_como_linguagem_e_praxis.pdf. Acesso em: em 11 fev. 2023.

SCHERER-WARRERN, Ilse. **Movimentos Sociais: um ensaio de interpretação sociológica**. Florianópolis: Editora da UFSC. 1987

SCOTT, Joan. Trad. Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Gênero e Educação**. V. 20, nº 2. 1995.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. **Mulheres Coralinas**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2016.

_____. Mulheres Coralinas: uma experiência de emancipação In: ROCHA, Alessandro., PEREIRA, Valéria Cristina Ribeiro. (Orgs.). *Leitura e Educação*. Rio de Janeiro: Reflexão, 2018.

_____. **Saberes das mãos e narrativas de afeto**. Cidade de Goiás, ASCORALINAS, 2019.

TEIXEIRA, Enise Barth. **A Análise de Dados na Pesquisa Científica: importância e desafios em estudos organizacionais**. *Revista Desenvolvimento em questão*. Editora Unijuí ano 1 n. 2 jul./dez. 2003

TELES, Nuno. CALDAS, José Castro. **Tecnologia e Trabalho no século XXI: uma proposta de abordagem**. Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado Universidade de Coimbra – Portugal, fevereiro de 2019.

TOURAINÉ, Alain. **Na fronteira dos movimentos sociais** (2006). *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n. 1.

TIRIBA, Lia. “De olho” nos sujeitos trabalhadores e suas experiências de classe: contribuições ao campo trabalho e educação. **Trabalho Necessário**, 13 (20), p. 119-146, 2015.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Teoria da Cultura*. In: **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.119-128.

UWE, Flick. **Uma introdução à metodologia da pesquisa: um guia para iniciantes**. São Paulo: Penso, 2013.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

ANEXOS



LEI Nº 165, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2017.

Considera de Utilidade Pública Municipal a "Associação Mulheres Coralinas".

A CÂMARA MUNICIPAL DE GOIÁS APROVA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º Fica considerada de Utilidade Pública Municipal a Associação Mulheres Coralinas, com sede no Município de Goiás, registrada no CNPJ sob o nº 26.512.804/0001-63, localizada na Praça Zaqueu Alves de Castro, s/nº, no Bairro Central, Sala 10, Mercado Municipal.

Parágrafo único. A referida entidade vem atuando desde o ano de 2013, e se enquadra nas exigências das Leis específicas, em relação a sua finalidade social, assistencial e cultural.

Art.2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DA PREFEITA MUNICIPAL DE GOIAS, aos 27 dias do mês de dezembro do ano de 2017.

Prof.ª SELMA DE OLIVEIRA BASTOS PIRES
Prefeita



O Ministério Público de Goiás (MPT em Goiás) parabeniza a ASSOCIAÇÃO MULHERES CORALINAS (ASCORALINAS) por promover, desde 2016, a valorização da cultura local (artesanato, culinária e saberes) e a emancipação financeira, a qualificação profissional e a formação humanística de mulheres em condições de vulnerabilidade socioeconômica da Cidade de Goiás/GO e região do Vale do Rio Araguaia. Seu propósito de ressignificar vidas e abrir espaços para as vozes femininas, inspirado na pessoa e obra de Cora Coralinas, tem gerado oportunidades de recomeço para centenas de mulheres.